

Correio das **Artes**

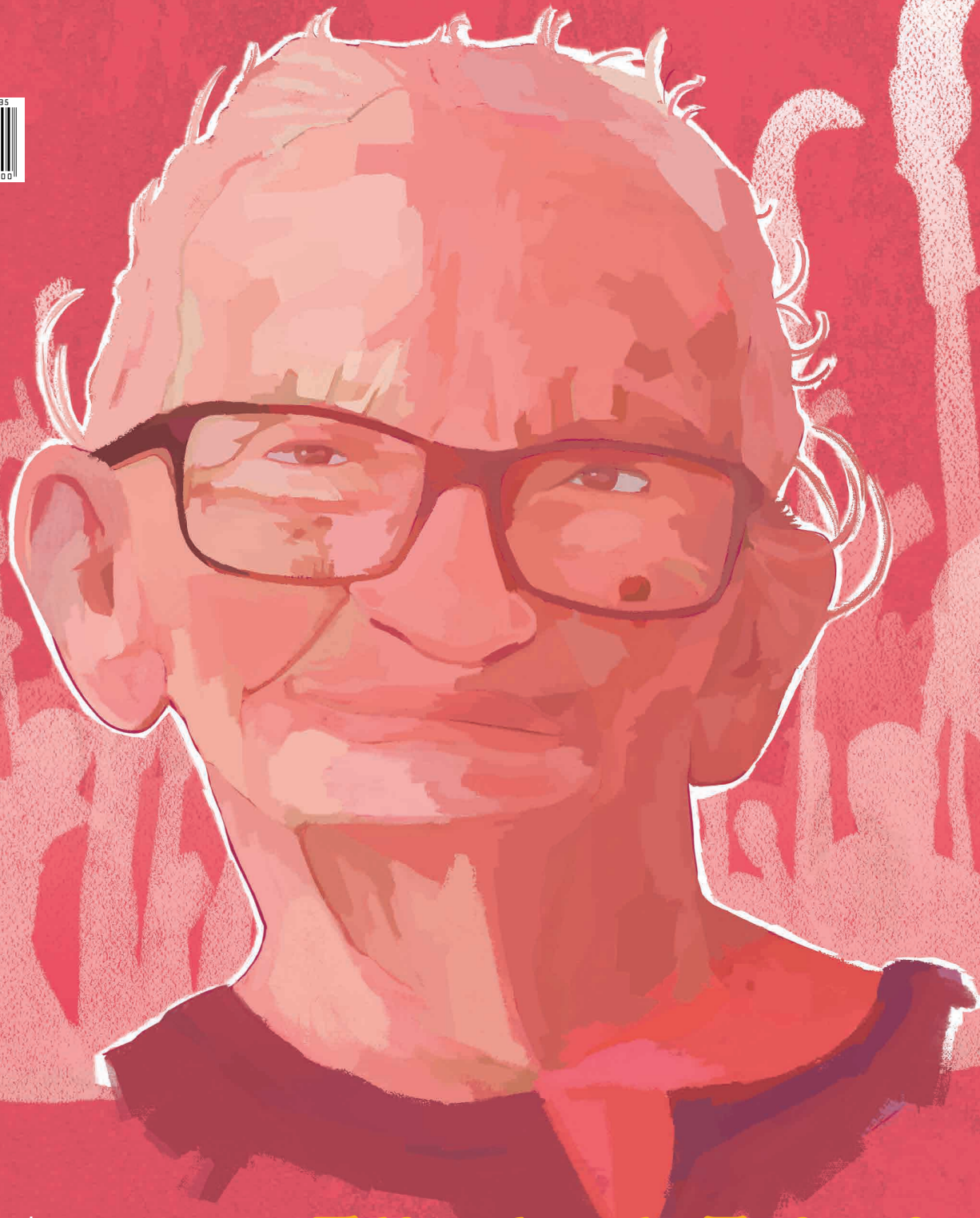
ANO
LXXV

Nº
12



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.



Suplemento
literário
do Jornal A União
Fevereiro
2025

Elizabeth Teixeira

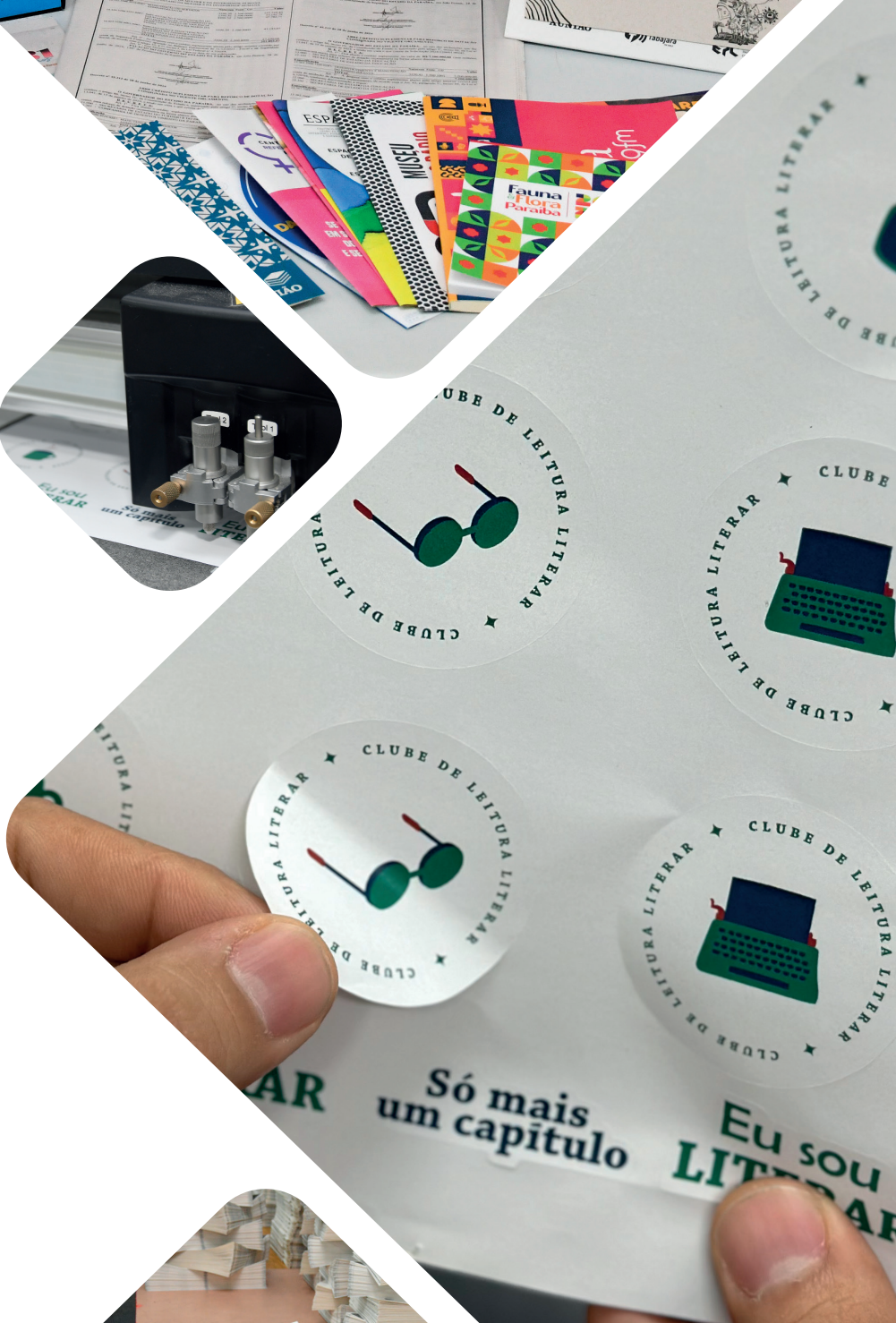
Símbolo da resistência camponesa na Paraíba e protagonista do antológico documentário “Cabra Marcado para Morrer” celebra 100 anos de vida

Gráfica

A UNIÃO



Excelência
além da
primeira
impressão.



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

MARKETING EPC

Paraíba marcou em brasa o cinema nacional

A luta pela terra no Brasil traz consigo chagas e marcas que calejam o cérebro com a consciência política. Uma batalha por muitas vezes desmedida, mas que é sentida pelas derrotas e vitórias dos trabalhadores e ativistas rurais.

Em um exercício especulativo, é interessante pensar no que poderia ser o produto final cultivado pelo então jovem diretor paulistano Eduardo Coutinho (1933-2014) quando *Cabra Marcado para Morrer* estava se tornando a cinebiografia do paraibano João Pedro Teixeira (1918-1962), militante das ligas camponesas de Sapé assassinado pela luta por justiça contra os latifundiários locais. Um projeto ficcional com ares neorrealistas europeus do pós-Guerra, com atores “naturais” – dentre eles a própria viúva, Elizabeth Altino Teixeira.

Talvez o longa-metragem figuraria timidamente entre outras produções de cunho social relevante, como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *Vidas Secas* ou *Os Fuzis*, até mesmo seria lembrado como parte dos filmes realizados nas cercanias da Paraíba, como a adaptação de *Menino de Engenho*. Porém, *Cabra Marcado para Morrer* nunca teria eternizado em brasa o cinema nacional como uma das melhores produções documentais à frente do seu tempo, transformando para sempre a tra-

(A produção) fez escudo na crisálida do tempo e que “despertou” em metamorfose quase 20 nos depois, com o retorno do diretor em busca do paradeiro da sua protagonista (de ambas as fases do filme) com nome de realeza: dona Elizabeth

jetória fílmica (e humanista) de Eduardo Coutinho até o fim da sua vida.

Um filme que mirou a ficção (com um pé na realidade) e acertou no documental (com os dois pés, assim como uma “voadora”), tudo por causa da Ditadura Militar instaurada no país na mesma época em que Coutinho estava “sonhando baixo” com sua modesta produção, que fez escudo na crisálida do tempo e que “despertou” em metamorfose quase 20 nos depois, com o retorno do diretor em busca do paradeiro da sua protagonista (de ambas as fases do filme) com nome de realeza: dona Elizabeth.

Com uma vida marcada pela luta e por tragédias, a paraibana chegou recentemente aos seus 100 anos, em um mês que completou 11 anos sem Eduardo Coutinho. Um ano antes do cineasta ser assassinado pelo próprio filho, ele visitou pela última vez a Paraíba, em fevereiro de 2013. “Eu me interessei pela vida das pessoas”, sintetizou. Celebrando a vida, o legado e a luta, eis nesta edição um panorama dessa obra marcada para viver, que tem uma mulher paraibana como símbolo maior.

índice

15 / crônica

Através de fatos, pessoas e lugares, a Paraíba é colocada como a verdadeira *terra mater* dos dois protagonistas da obra *Personagens do Choro Pernambucano*: Canhoto da Paraíba e João Pernambuco

20 / música

“O Guarani”: convergência e consistência temática entre a música do maestro Antônio Carlos Gomes (1836–1896) e a literatura do escritor José de Alencar (1829–1877)

32 / artigo

Milton Marques Júnior analisa a obra de Francisco Gil Mesias, o escritor à moda antiga e o leitor voraz, atento, avisado e que reconhece a necessidade das releituras

36 / poesia

Nos *Rasgos Poéticos*, de Egberto Vital, há poemas do hoje, da imagem e do ofício do poeta, além dos versos de homenagem; todos eles parecem que se transmutam e se metamorfoseiam

46 / traduzir

João Batista de Brito pinça poesias da obra *Dançar com facas*, de Hildeberto Barbosa Filho, para mostrar o processo de verter os versos para a língua inglesa

49 / resenha

Em *Meio estreito*, o escritor paraibano Roberto Menezes nos apresenta 10 contos construídos por muitas camadas, onde o insólito habita as margens



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Domingos Sávio e Tônio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: (83) 3218-6500 (RAMAL 08)



Protagonista do clássico documentário 'Cabra Marcado para Morrer' (1984), a sapeense Elizabeth Teixeira completou 100 anos no último dia 13 de fevereiro, sendo um dos grandes símbolos de resistência e luta camponesa

Elizabeth Teixeira

Uma HISTÓRIA marcada para

VIVER

Objeto de livros acadêmicos e biográficos, a ativista paraibana é uma das maiores personagens do cinema nacional

Esmejoano Lincol

esmejoanolincol@hotmail.com

Em janeiro deste ano, o jornalista Xico Sá trouxe em sua coluna no portal ICL um texto em que tece aproximações entre duas mulheres brasileiras, marcadas por tragédias sociais e políticas, mas que encontraram forças para resistir e seguir em frente, como líderes de suas famílias e de sua luta: a ativista paraibana Elizabeth Teixeira e a jurista paulistana Eunice Paiva. Recentemente, a trajetória de vida da segunda veio à tona graças ao filme *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles, sucesso dentro e fora do Brasil e com três indicações ao Oscar. Eunice seguiu por quase três décadas em busca de justiça pelo desaparecimento do marido, o deputado Rubens Paiva, preso, torturado e assassinado pelo regime militar, em 1970.

Interpretada no longa-metragem de ficção por Fernanda Torres, Eunice não conseguiu reaver o corpo do esposo, mas recebeu, das mãos do Estado, um atestado de óbito que reconhece a morte do ativista, “não natural, violenta” e imersa no “contexto da perseguição sistemática à população identificada como dissidente política do regime ditatorial de 1964” — essa foi a redação que o documento passou a ter este ano, a partir da visibilidade que o caso teve, graças à obra de Salles. A sapeense Elizabeth Teixeira mantém outra proximidade com a paulistana: ela também teve sua vida retratada pelo cinema, muitos anos antes, por meio do documentário *Cabra Marcado para Morrer*, de 1984, dirigido por Eduardo Coutinho.

No longa, Elizabeth é duas: na primeira metade do filme, uma “atriz” que interpreta a si mesma, remontando o drama real que viveu com o assassinato de seu marido, o líder campesino

paraibano João Pedro Teixeira. A partir da segunda metade do documentário, Coutinho reencontra Elizabeth, no Rio Grande do Norte, ainda assombrada pelos fantasmas da repressão, para recontar, com ela, todo esse “roteiro” — mas, desta vez sem o auxílio da ficção. Como veremos a seguir, a equipe da filmagem também foi perseguida pela ditadura, assim como a própria viúva. Artistas, rolos de filme e a protagonista do longa precisaram esperar a abertura política acontecer no Brasil para voltarem com o projeto.

O retrato da paraibana ganhou o mundo e foi premiado em mostras audiovisuais de Portugal, França, Cuba e Alemanha, alcançando o status de clássico instantâneo, mas perpétuo, do cinema nacional. *Cabra Marcado para Morrer* também consta, atualmente, como um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, segundo lista da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Consolidou, ainda, a carreira de seus realizadores — incluindo Coutinho. Mas, acima de tudo, o documentário deixou fixado na memória do espectador brasileiro a peleja de Elizabeth que completou, no último dia 13 de fevereiro, 100 anos de idade.

O *Correio das Artes* deste mês presta homenagem à ativista que é, ao mesmo tempo, objeto recorrente de livros acadêmicos e biográficos e uma das maiores personagens do cinema nacional. Em razão de sua idade avançada, não pudemos contar com o seu depoimento para a nossa reportagem, mas conseguimos, com facilidade, o relato de cineastas, de escritores e de familiares, que reverenciaram a hoje centenária. Elizabeth “ainda está aqui”, marchando a mesma luta de João Pedro e a de outros colegas campesinos, cumprindo promessa feita há mais de seis décadas.

Uma ficção que deu errado, um documentário que deu certo



FOTOS: REPRODUÇÃO/ARQUIVO IMS

De cima para baixo: Elizabeth no set da primeira fase de 'Cabra...'; a ativista ao lado do diretor Eduardo Coutinho; a paraibana com seus filhos, após o assassinato do marido; cena da ficcionalização da vida de João Pedro Teixeira

Brasil, início dos anos 1980. É noite. Uma Kombi chega ao Engenho Galileia, situado no município pernambucano de Vitória de Santo Antão. Nela está o cineasta Eduardo Coutinho (1933-2014) e a equipe do filme *Cabra Marcado para Morrer*, que retomava suas filmagens quase 20 anos depois de uma interrupção, após perseguição da Ditadura Militar no país, ainda vigente, mas em vias de caducar. Tendo as famílias campensinas do local como espectadores, o objetivo do realizador era projetar as imagens registradas por ele anos antes, em 1964, e captar, em nova película, suas reações: Coutinho havia tentado retratar, de forma ficcionalizada, a morte do líder camponês João Pedro Teixeira, natural de Guarabira, cujo assassinato foi encomendado por um latifundiário, segundo investigações.

Os atores convocados para reconstituir a história eram os próprios moradores de Galileia: João Mariano Santana da Silva, por exemplo, deu vida a João Pedro. Outra das estrelas era Elizabeth Teixeira, viúva do camponês, que interpretou a si mesma quando *Cabra Marcado para Morrer* ainda era um projeto de docudrama, misturando narrativas documental e ficcional. A luz do projetor é ligada e as imagens em preto e branco começam a ser exibidas em uma pequena tela, improvisada sob dois cavaletes. O projeto do longa-metragem de Coutinho havia se transformado: agora um documen-

tário “convencional”, mas inventivo, sobre a trajetória da família Teixeira e sobre as filmagens frustradas de 1964.

Como avisa o realizador no corte definitivo de *Cabra Marcado para Morrer*, os rolos de filme foram projetados fora de ordem, repetidos e sem som, sob o olhar curioso dos trabalhadores da terra, que viam a si mesmos, passados muitos anos do registro original. Dias depois, a alguns quilômetros dali, radicada no município potiguar de São Rafael, Elizabeth também se viu, pela primeira vez, noutra sessão organizada pela equipe: “Olha Dona Elizabeth plantando maniva”, comenta a ativista, na sequência em se vê na lavoura, entre as mudas de macaxeira. “Esse aí faz o papel do meu marido”, diz a ativista, quando avista João Mariano.

Elizabeth conheceu João Pedro aos 15 anos de idade, quando o agricultor foi, casualmente, fazer compras da mercearia do pai da moça, Manoel Justino. A paixão foi tão instantânea quanto à negativa do patriarca em conceder a mão dela ao rapaz. Mas a repressão da família era anterior — tão logo conheceu as letras, Elizabeth foi impedida de continuar os estudos: “Pra papai, bastava ir à escola até aprender a escrever o nome por extenso”, lamentou, em entrevista concedida para o livro *Eu Marcharei na Tua Luta!*. Essa frustração se tornou, anos depois, outra de suas bandeiras, trabalhando com a alfabetização de crianças e jovens. Só restava aos amantes fugir, plano concretizado na noite de 10 de junho de 1942.

Instalaram-se, a princípio, em Cruz do Espírito Santo. O casamento resultou em 11 filhos — Marluce, Abraão, Isaac, Marta, Paulo, Maria das Neves, Maria José, Carlos, José Eudes, João Pedro (Peta) e Marinês. Lamentavelmente, a prole de Elizabeth não escapou das tragédias que cercaram

a família: Marluce, angustiada pela morte do pai, tirou a própria vida; anos mais tarde, Peta assassinaria seu próprio irmão, Eudes, também motivado por disputa de terras. No documentário de Coutinho, quem assume os cuidados com a mãe é Abraão. Por meio dele, a equipe localiza Elizabeth e em cena clássica, o exige que o diretor mantenha, na edição, seu testemunho sobre “todos os regimes políticos serem iguais”.

O estreitamento de laços com as Ligas Camponesas, organizações que mantinham vinculação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), tornou João Pedro um homem visado pela polícia local e pelos grandes latifundiários. Em outra sequência emblemática registrada para a primeira versão de *Cabra Marcado para Morrer*, ele discute com o administrador de uma das propriedades o aumento de seus soldos. Elizabeth, seus filhos e a casa eram alvo de assédio; as constantes saraivadas de pedras jogadas contra a residência eram combatidas com um coco, cantado por ela, em plenos pulmões. A dublagem dessas cenas, a propósito, foi realizada na década de 1980 e trazia vozes conhecidas como o dos atores Flávio Migliaccio e Tânia Alves.

João Pedro foi preso várias vezes pelas forças policiais; um desses momentos, também foi registrado pelas lentes de Eduardo Coutinho, no segmento ficcional de *Cabra Marcado para Morrer*. O olhar marcante de Elizabeth vendo o marido partir, escoltado por oficiais, tem duplo peso: a emoção da atriz iniciante remontando o momento vivido na vida real.



Pôster oficial do documentário, que parte da morte do líder camponês paraibano João Pedro Teixeira, cujo assassinato foi encomendado por um latifundiário, segundo as investigações

“Eu recordo isso todos os dias e todas as noites. A dureza que ele e nunca esmoreceu. Ele nunca chegou em casa para dizer: ‘Estou arrependido’. Ele era firme”, depõe, no longa, Elizabeth, que àquela altura vivia com o esposo no distrito de Barra de Antas, situado no município de Sapé, em terra pertencente ao pai dela. O líder tinha a certeza de que padeceria nas mãos de seus inimigos.

A ira de Manoel Justino contra o “negro” João Pedro (como o sogro lhe chamava, em tom racista) não cessou após o casamento. Em relato no documentário de Coutinho, a campesina recorda que a viagem derradeira do esposo a João Pessoa, em 2 de abril de 1962, foi, justamente, para tentar resolver um imbróglio com a propriedade da família, incitado pelo pai de Elizabeth. O agricultor acabou assassinado no caminho: “Uma coisa bárbara. Ele ainda estava todo sujo de terra”, recordou Elizabeth, em depoimento. O suposto mandante, um grande latifundiário, escapou do processo criminal por ser parlamentar. Já os alegados executores, dois policiais militares, foram absolvidos.

Elizabeth, então, iniciou sua luta por justiça. Antes do falecimento, ela era rotineiramente confrontada pelo próprio João Pedro: continuaria a sua batalha pela reforma agrária, após a sua morte? Desse chamado veio a frase célebre, em discurso, quando decidiu seguir os passos do esposo: “Eu

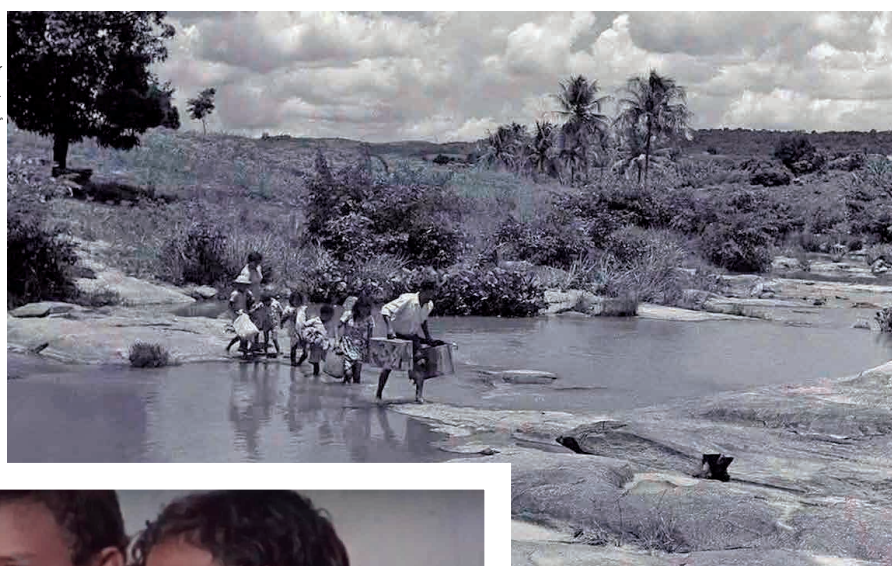
marcharei na sua luta, João Pedro, para o que der e vier”. Foi alçada, pouco tempo depois, a líder local das Ligas Camponesas, permanecendo no cargo até o fatídico ano de 1964. É quando Coutinho cruza o seu caminho. Em viagem à Paraíba por conta de um compromisso profissional junto à União Nacional dos Estudantes (Une), conheceu a trajetória do casal camponês e decidiu escrever o roteiro para o primeiro tratamento de *Cabra Marcado para Morrer*.

Inicialmente, para manter a fidelidade, Coutinho pensou em rodar o filme na propriedade da família em Sapé, o que não foi possível; no local está assentado, hoje, o Memorial das Ligas Camponesas. A solução foi substituir o set original pelo Engenho Galileia, para onde, 17 anos depois, o diretor projetaria suas antigas imagens. No trigésimo quinto dia de filmagem, no começo de abril de 1964, a equipe recebe uma notícia estarrecedora: os militares haviam dado um golpe e

tomado a república. Fugiram para o mato com os equipamentos e os negativos. O material foi localizado e apreendido, mas acabou sendo recuperado parcialmente e armazenado clandestinamente na casa do diretor.

Os rolos de filme foram depositados na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sob o nome provisório de *A Rosa do Campo*. Com a abertura política no Brasil, em 1979, Coutinho viu a possibilidade de retomar seu projeto. Iniciou, então, a busca por recursos, retornando ao engenho em Vitória de Santo Antão dois anos depois. “Fui para Galileia e em dois dias achei todos os atores do filme. Como se estivessem à minha espera, me abraçaram e em poucos minutos retomamos o trabalho”, recordou o próprio diretor no texto que acompanha o DVD do filme, lançado a partir de restauração do Instituto Moreira Salles (IMS), em 2014, ano da morte de Eduardo Coutinho.

FOTOS: REPRODUÇÃO/ARQUIVO IMS



Cena rodada na primeira fase, quando o filme era uma ficção (acima), no Engenho Galileia, em Pernambuco, pouco antes da Ditadura Militar se instaurar no Brasil, em 1964; Elizabeth ao lado do único filho, Carlos, (ao lado) que ficou com ela na clandestinidade, já na abertura política dos anos 1980, no município potiguar de São Rafael

Testemunhas oculares

As equipes de *Cabra Marcado para Morrer*, contaram, em suas duas filmagens, com a colaboração de ilustres realizadores: em 1964, integravam o grupo o fotógrafo Fernando Duarte e o então assistente de direção Vladimir Carvalho, paraibano que faleceu no ano passado; ele voltaria como produtor associado, quando os trabalhos foram retomados, em 1981. O ator Cecil Thiré fez as vezes de segundo assistente de Coutinho, ainda nessa primeira fase. Toda a equipe estava sob a coordenação de Leon Hirszman (diretor dos clássicos *A Falecida*, de 1965, e *Eles Não Usam Black-tie*, de 1981).

Já na segunda fase, 17 anos depois, o renomado fotógrafo Edgar Moura contou com o auxílio do então estreante Nonato Estrela (diretor de fotografia titular em longas como *Rock Estrela*, de 1985, e o recente *Mussum — O filmis*, de 2023). A montagem final do projeto de Coutinho, por sua vez, foi realizada por Eduardo Escorel, experiente profissional da edição. Estrela rememorou em entrevista ao *Correio das Artes* o seu trabalho no set, nos municípios de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. “Cuidava desse manejo da câmera, deixando pronto para as filmagens. Rodamos em condições intensas, naquela com a Kombi sem ar condicionado. Havia muito calor, principalmente no sertão”, rememora.

O então assistente revela que não foi previamente informado sobre o perfil de Elizabeth Teixeira, razão que o levou a crer ter sido a segunda opção de Edgar para o posto. O fotógrafo tomou conhecimento da trajetória da entrevistada conforme a própria ativista recontava a

Entre os profissionais que fizeram ‘Cabra Marcado para Morrer’ estão o diretor de fotografia Nonato Estrela (acima) e o editor da montagem final do projeto, Eduardo Escorel (abaixo)

sua história, que considerou, desde aquele momento, impressionante. “Coutinho também descobriu que ela estava viva e exilada dentro do próprio país durante essa retomada. Ele tinha um método de trabalho muito particular, né? Apesar da reportagem apurada, dos anos em que trabalhou no *Globo Repórter*, ele confiava muito no improviso e nesse contato direto com as pessoas, sabe?”, explicou.

Estrela nos diz que um dos momentos mais marcantes das filmagens com Elizabeth se deu na hora da despedida, que também foi registrada por Coutinho e sua equipe. Segundo o fotógrafo, a ativista permaneceu na defensiva em muitos momentos, mas abriu a guarda quando os realizadores já estavam prontos para partir: nesta sequência que encerra o filme, ela faz contundentes críticas às condições desfavoráveis do trabalhador: “Enquanto se diz que há fome e salário de miséria, o povo tem que lutar”. “Ela chegou na janela da Kombi para falar tudo o que não falou na entrevista. Mas esse é um comportamento muito comum nos documentários, desatar a

falar quando a câmera não está ligada”, indicou Estrela.

Escorel foi mais sucinto ao falar com a reportagem do *Correio das Artes* sobre o legado do filme e de Elizabeth, mas, asseverando a importância da personagem para além dos domínios do cinema, também teceu paralelo entre a trajetória da campesina e a batalha de Eunice Paiva, retratada em *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles. “Decorridos 41 anos desde que estreou, *Cabra Marcado...* continua atual. O documentário de Coutinho e o filme de ficção, baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, embora separados por quatro décadas, mantêm esse elo forte — ambos tem como tema um assassinato político cujos autores permaneceram, em um caso, e continuam, no outro, impunes”, lamentou o editor.



Legado no cinema

Elizabeth Teixeira está prestes a se tornar, mais uma vez, personagem de filme, mas num projeto ficcional: a cinebiografia *Quem é Elizabeth?*, dirigida por Inês Figueiró, pretende remontar a trajetória de vida da ativista, com um olhar mais detalhado sobre um recorte temporal específico — fugindo da perseguição política, nos anos 1960, a paraibana teve de mudar de identidade, passando a assinar Marta Maria da Costa. Já tendo perdido uma filha a esta altura, a campesina também teve que se separar de alguns de seus filhos, encaminhados para diferentes partes do mundo, como Rio de Janeiro e Cuba.

“Nosso desafio é entender quem era Marta Maria e o que restava de Elizabeth nessa mulher que sobreviveu em condições tão adversas, na miséria”, adiantou Inês, em entrevista ao Jornal **A União**. As filmagens devem começar no ano que vem, após os tratamentos finais do roteiro. Enquanto esse novo longa-metragem não chega ao público, o *Correio das Artes*

conversou com cineastas paraibanos sobre o legado do filme para a cena audiovisual.

Lúcio Vilar: “O filme já estava em meu radar como ex-militante do movimento secundarista de esquerda, desde o final dos anos 1970, de modo que tive o privilégio de assistir numa tela grande. Foi um assombro na medida em que confirmava todas as atrocidades cometidas pela Ditadura Militar. Elizabeth Teixeira é um símbolo do protagonismo feminino na luta política contra a ditadura, é um ícone do cinema de não ficção sem nunca ter sido atriz profissional e representa a ‘Paraíba velha de guerra’ que nunca abaixa a cabeça!”.

Bertrand Lira: “Vi o filme numa sessão especial do antigo Hotel Tambaú, em João Pessoa. Elizabeth estava presente e foi ovacionada por todos. Para o DVD comemorativo, de 2014, Coutinho preparou dois outros documentários, *A Família de Elizabeth Teixeira*, que dá conta da situação dos descendentes de Elizabeth, e *Sobreviventes de Galileia*, entrevistando os campesinos pernambucanos. O filme nunca vai perder sua importância porque narra uma história ímpar, muito particular e universal — a

luta pela sobrevivência e pelos próprios direitos”.

Marcus Vilar: “Eu estava no Rio de Janeiro no período do lançamento do filme, em 1984. Foi um choque, porque o público aplaudiu de pé, por uns 15 minutos. Conversei com Vladimir Carvalho, tempos depois, que me falou sobre como recuperou algumas das latas confiscadas dos negativos. Tive o prazer de registrar um encontro de Elizabeth com os irmãos e os filhos, para um episódio do documentário *Território Vivo*, de 2017. *Cabra Marcado para Morrer* aborda um tema superatual, mas que não se resolve nunca, que é a questão crônica da reforma agrária”.

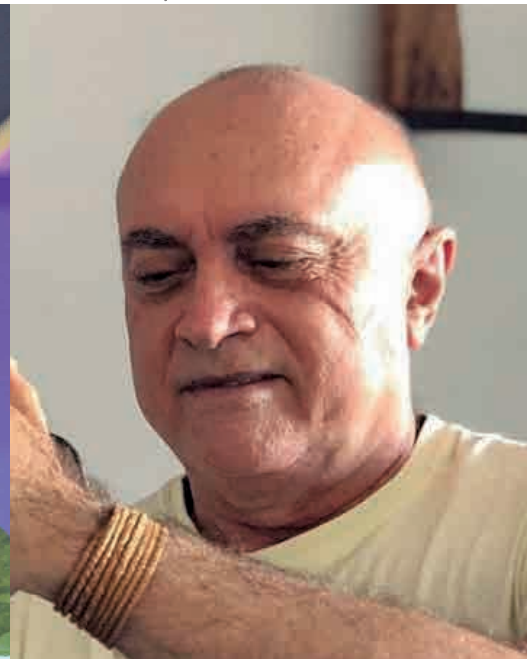
Torquato Joel: “Assisti pela primeira vez quando entrei no curso de Comunicação Social da UFPB. Nos anos 1980, vez por outra, o filme era exibido em aulas, levantando questões dos latifúndios na Paraíba. Continua atualíssimo, porque rotineiramente vemos notícias sobre assassinatos de lideranças camponesas em todo o Brasil. Precisamos de filmes como *Cabra Marcado para Morrer*, se quisermos um país com algum futuro. É preciso minimizar a absurda desigualdade social no Brasil. Ou então permaneceremos com esse borrão de cidadania”.

Realizadores paraibanos Lúcio Vilar (E), Bertrand Lira (C) e Torquato Joel (D): documentário protagonizado por Elizabeth Teixeira marcou as suas trajetórias audiovisuais

FOTO: LEONARDO ARIEL

FOTO: ROBERTO GUEDES

FOTO: KIO LIMA/DIVULGAÇÃO



Memória que marcha pela literatura

Neste ano, o centenário de Elizabeth Teixeira foi celebrado entre os dias 13 e 15 de fevereiro, com o Festival Cultural da Memória Camponesa, que teve como palco o memorial erguido em homenagem às ligas, no município de Sapé, Zona da Mata paraibana. Na oportunidade, dois livros ganharam lançamentos. O primeiro deles, perfaz a terceira edição de *Eu Marcharei Na Tua Luta!: a Vida de Elizabeth Teixeira*, pela Expressão Popular, organizado pelas docentes Lourdes Maria Bandeira, Neide Miele e Rosa Maria Silveira, a partir de relatos da própria ativista.

Durante o evento de estreia, as autoras foram representadas por Lúcia Guerra, professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): Lourdes faleceu em 2021, enquanto Neide e Rosa Maria residem atualmente em Campinas, São Paulo. “Elas viram que não era possível deixar toda essa história sem registro e, a partir de 1984, começaram a gravar depoimentos de Elizabeth, onde ela aparecia. Depois, fizeram algumas entrevistas na casa dela”, detalhou Lúcia.

Os capítulos do livro pontuam a trajetória da ativista desde a infância, passando pela idade adulta, culminando num dos momentos mais trágicos de sua vida — quando seu filho, Peta, assassina o irmão, José Eudes. Os segmentos também são pontuados com frases de Elizabeth coletadas ao longo das conversas com as pesquisadoras, como em “Na matemática, eu não perdia, não”: nessa parte, ela remonta a ocasião em que seu padrinho tentou convencer seu pai a mantê-la na escola, considerando o seu bom desempe-

Com capa ilustrada por Shiko, a terceira edição do livro ‘Eu Marcharei Na Tua Luta!’ (Expressão Popular), com base nos relatos da própria Elizabeth Teixeira

inho
e s c o l a r
— uma tentativa vã,
lamentavelmente.

No capítulo “Ele não voltou para casa nunca mais”, Elizabeth rememora o assassinato do esposo e todo processo de intimidação sofrido em casa, nos meses que antecederam o sinistro. Ela recorda os instantes de tensão em que tinha de ficar à espreita, na porta, ao mesmo tempo em que afirmava para o companheiro com veemência, “Você não vai morrer sozinho!”: “Ele mandava que as crianças deitassem no chão, eles ficavam todos juntinhos, deitados no chão, porque se vier bala, vocês estão no chão.

Já em “A primeira diretoria da liga”, em que ela detalha a equipe que fundou o movimento na Paraíba, Elizabeth relava a relação complexa mas pacífica que o esposo tinha com os ideais comunistas e a religião — o líder assassinado era evangélico, enquanto ela era católica: “Ele falava o

se-
g u i n t e
para mim: ‘Olhe,
vamos deixar para batizar
nossos filhos quando eles forem de
maior (...)’ [Eu dizia,] Já que você
não se incomoda que eu vá à minha
igreja, tudo bem, vamos deixar os
meninos crescerem pagãos”.

A angústia da mãe que se viu obrigada a apartar-se dos filhos aparece em muitas das páginas da obra. Parte da prole foi deixada aos cuidados de outros parentes, na Paraíba, enquanto Elizabeth permanecia camuflada para proteger a eles e a si mesma: “Muitas vezes, lá em São Rafael, eu pensava, ‘Meu Deus, o que foi que eu fiz? Meus filhos hoje estão abandonados’. Pela atitude de meu pai, de minha família, eu não acreditava que eles fossem tratar bem meus filhos. (...)”

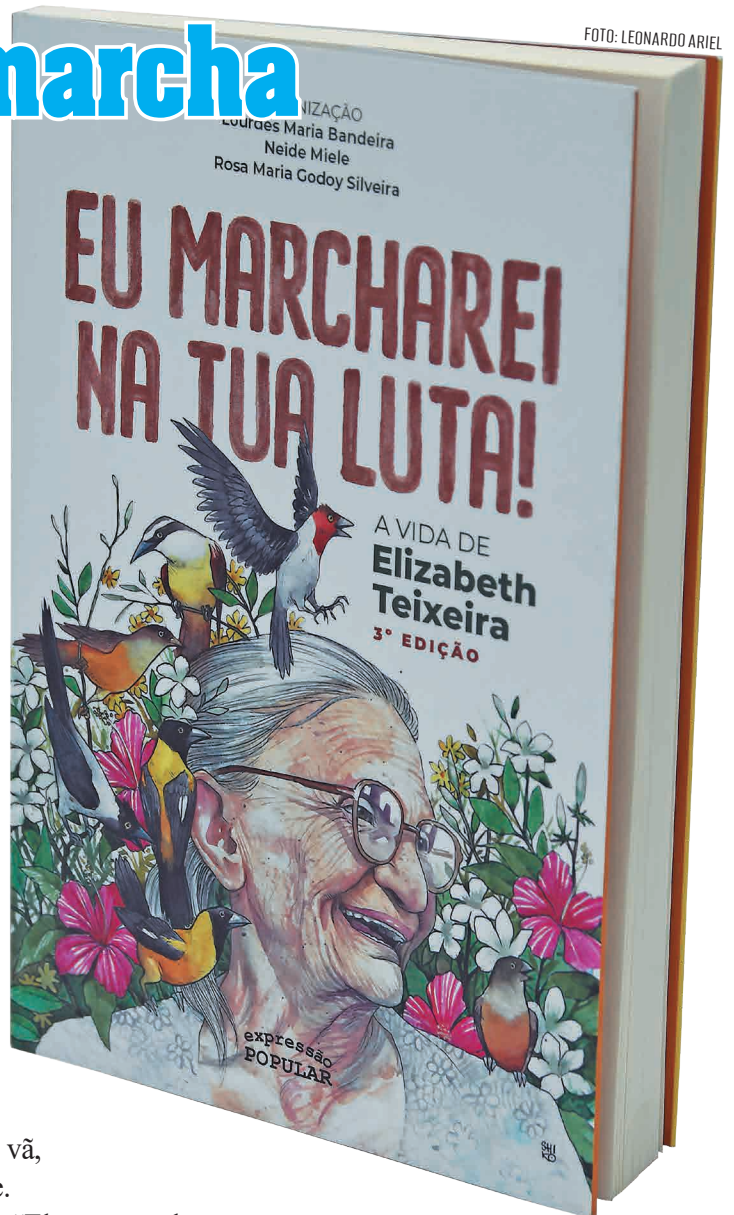


FOTO: LEONARDO ARIEL

De fato, eles se criaram, mas humilhados”, lamentou a ativista.

A peleja de Elizabeth em busca de melhores condições de vida para os menos favorecidos não cessou no período em que viveu no município de São Rafael (RN), negando o seu passado: atuando por lá como professora, fazia questão de transmitir aos alunos lições sobre cidadania. “Esse livro não é somente a história de minha vida, da vida de Elizabeth Teixeira: ele é a história do homem do campo, é a história do professor e da professora, é a história do jovem e da criança, é a história da luta de um povo”, conclui ela, no último capítulo.

Reminiscências da luta

O segundo livro parte de registros do Seminário Memória Camponesa da Paraíba, ocorrido em abril de 2006, na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e que reuniu, num mesmo ambiente, sobreviventes da perseguição aos ativistas camponeses, além de acadêmicos e pesquisadores. O texto de *Memória Camponesa: as Ligas Camponesas na Paraíba*, foi transcrito e editado pelo Centro de Comunicação Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba (CCTA-UFPB) por um grupo de pesquisadores compostos por Belarmino Mariano, Emília Moreira, Genaro Ieno, Ivan Targino, Marilda Menezes e Waldir Porfírio.

O livro ganhou um lançamento prévio no ano passado, numa data que não foi escolhida à toa: 7 de setembro, dia que marcou os 60 anos do desaparecimento do líder camponês Pedro Fazendeiro, contemporâneo a João Pedro Teixeira, durante a transferência do ativista para a prisão. No seminário, há quase duas décadas, ele foi representado por seus familiares. *Memória Camponesa* também está disponível, desde o mês de junho, em formato de livro digital gratuito, na página da editora do CCTA.

Obra é baseada nos registros do Seminário Memória Camponesa da Paraíba, ocorrido em 2006, na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), e que reuniu sobreviventes da perseguição aos ativistas camponeses, além de acadêmicos e pesquisadores

FOTOS: ROBERTO GUEDES



Waldir Porfírio explica o contexto que culminou na criação das ligas camponesas, das quais Elizabeth e João Pedro fizeram parte: segundo o organizador, até 1962, os trabalhadores rurais não tinham direito à sindicalização, por uma herança da escravidão. A partir do governo de João Goulart, com a permissão dos sindicatos rurais, esses movimentos eclodiram nos rincões do Brasil. “Precisamos conhecer esse passado de violação dos direitos humanos para que ele não se repita mais”, assevera Porfírio.

No pronunciamento de Elizabeth, ela recordou as palavras do marido, João Pedro, quando este circulava pelos sítios do distrito de Barra de Antas, onde moravam, tomando ciência das condições degradantes em que viviam os companheiros que prestavam serviços para os grandes proprietários de terras: “Ele viu uma situação difi-

cil. Ele chegava em casa e falava para mim que a vida do trabalhador do campo, dos engenhos, das fazendas é tão difícil que chegava o momento de muitos pais verem seus filhinhos morrerem de fome. Então, ele convidava aqueles trabalhadores para virem até a nossa casa, conversar”.

Ela concluiu sua participação no seminário comentando a boa relação que mantinha com o presidente Lula, então no seu primeiro mandato, e a esperança que tinha de apoio, do Governo Federal, à reforma agrária. Elizabeth, todavia, não se absteve de mostrar seu pesar pela vida sofrida que teve: “Peço desculpa por não ser mais aquela pessoa que era. Hoje, eu estou tão cansada. Sofri tanto, tanto, que imagino até assim, como é que eu estou viva, ainda hoje, pelo sofrimento que eu passei, pela vida. Não foi fácil ficar sem João Pedro Teixeira”.



No município de Sapé, a realização da Marcha da Memória Campesina (acima), que aconteceu no segundo dia de celebrações; no terceiro e último dia, um encontro com a ícone da luta pela terra (ao lado), no Memorial da Ligas e Lutas Camponesas



FOTO: GLEISE KELLY/PREFEITURA DE SAPÉ

Elizabeth, um exemplo de luta

A celebração do centenário de Elizabeth Teixeira, no Festival Cultural da Memória Campesina, em Sapé, contou com a presença da própria aniversariante — primeiro, em um evento fechado para parentes, amigos e convidados no dia 13 de fevereiro, no Memorial das Ligas; e, depois, no encerramento, dia 15, na Praça de Eventos Dr. João Úrsulo. Uma comitiva de 23 familiares da ativista veio do Rio de Janeiro para comemorar o centenário e se inteirar do trabalho da matriarca. O *Correio das Artes* conversou com dois membros do clã durante a Marcha da Memória Campesina, evento que mobilizou o público.

A neta Marta Teixeira Pires Gomes, que carrega o nome “falso” utilizado pela avó durante parte de sua vida, também

tatuou o rosto de Elizabeth no corpo, “para que pudesse vê-la todos os dias e lembrar que a tem como um exemplo de luta”. Ela assinalou a importância de compartilhar com o público o legado da campesina. “Apesar das tristezas que vivemos, imagino que tudo isso, no fundo, teve um propósito. Ao se tornar um ícone da luta pela terra, essa herança se torna permanente. Nada disso passa... Porque já se passaram muitos anos. Mas o amor de Elizabeth pelo que ela faz e pelo próximo, fica. Isso é importante”, relatou.

Marta nasceu no Rio de Janeiro e teve a oportunidade de conhecer Elizabeth há apenas 20 anos, por ocasião de outro aniversário. A separação da família Teixeira, que espalhou a prole de Elizabeth e manteve apartados, por muitos

anos, mãe e filhos, causou uma dor profunda e permanente nos descendentes da centenária. “Eu lastimo muito não ter convivido mais com a minha avó, não ter crescido ouvindo suas histórias, sentado em seu colo... A ditadura e a perseguição dos latifundiários tiraram o nosso direito até de estar com ela. Foi muito emocionante poder reunir todos nós aqui, novamente”, alegou a neta.

A psicóloga Lian Gaia, também fluminense, representa a continuidade das gerações de Elizabeth: sendo bisneta da campesina, ela revelou que tataranetos da paraibana estiveram presentes no centenário, para encontrá-la pela primeira vez. Ela se emocionou muito ao mencionar que estava naquela propriedade, testemunha das peijas dos Teixeira: “Essa também é a casa de todos

os camponeses, de todos os caboclos e, para mim, é um território sagrado. A gente ficou ciente disso desde muito pequeno, Imagine poder escutar a história da sua avó, da sua bisavó, através do cinema e da televisão?”.

Ela relata que assistiu ao documentário *Cabra Marcado para Morrer* ainda muito jovem, graças a uma “imposição” da mãe: “Ela chamou a mim e a minha irmã, Jéssica, e falou: ‘Sentem todos para assistir. Essa é a história de vocês também’. A gente

não entendeu muito bem aquelas imagens em preto e branco, mas sentia que era muito importante”. Compreender esse passado ajudou Gaia a enveredar pelo caminho do ativismo: com descendência indígena por parte de sua mãe, ela milita hoje em prol dos povos originários: “Somos indivíduos que mantêm uma ligação com o território de forma muito forte. Estar aqui de novo acaba sendo um resgate dessa memória pela ancestralidade”.

O apagamento do sobrenome acabou afetando as gerações posteriores que cresceram sem ter “Teixeira” nos registros de nascimento: “Cada um foi por um canto por uma questão de sobrevivência, mas ninguém foi para Cuba ou para o Rio de Janeiro porque quis. A gente precisa ter noção do porquê Elizabeth precisou virar Marta e entrar na clandestinidade”. Lamentavelmente, o pai de Gaia também foi morto quando a bisneta de Elizabeth era muito jovem: “Temos essa história de assassinatos masculinos, o que é uma tristeza. Mas elas estão atreladas a outras histórias, de

muita luta e de resistência das mulheres: elas acabam indo um pouco mais longe, vencendo esse lugar de continuar com a luta”.

Quanto às gerações mais recentes e as que ainda estão por fim, Gaia assinala que o patrimônio cultural e social de Elizabeth hoje é repassado sem amarras para os membros mais jovens da família — a intenção é que a memória que foi celebrada durante o centenário da personagem principal de *Cabra Marcado para Morrer* não seja apagada. “Acho que estamos vindo com o propósito de ‘vingar’ o que aconteceu, mas num outro sentido, como uma árvore que vinga, dá frutos e brota. Romper esse ciclo de homens e mulheres que são mortos e transformar esse lugar. O amor de Elizabeth e de João Pedro foi que fez nascer esse outro grande amor, pela luta coletiva”, finalizou Lian Gaia.

Esmejoano Lincol é repórter do caderno de Cultura do Jornal *A União*. Também é mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, atualmente, é graduando em Cinema e Audiovisual na mesma instituição. Mora em Rio Tinto (PB).



Patrimônio cultural e social de Elizabeth Teixeira hoje é repassado sem amarras para os membros mais jovens da família, de geração em geração

Chorinhos e chorões

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

A leitura do livro da amiga Teresa Sales, recentemente lançado, *Personagens do Choro Pernambucano – Canhoto da Paraíba e João Pernambuco* (editora Autografia), trouxe-me motivação para arriscar esta despreziosa crônica. Não exatamente para criticar o livro, que é bem informativo, redigido em linguagem descontraída, e agrada a qualquer leitor, especialmente aos apreciadores do conhecido gênero musical, a quem é atribuído o simpático epíteto de “chorões”. Mas pelas remissões a fatos, pessoas e lugares de minha terra paraibana, a verdadeira *terra mater* dos dois personagens.

Registro que a autora foi generosa comigo, ao incluir meu nome na lista dos entrevistados. Na verdade, minha contribuição foi apenas no esclarecimento da verdadeira natureza do “Estado Livre de Princesa”, onde nasceu e passou sua infância o primeiro dos biografados. Embora louvado, por razões pessoais e subjetivas, pelo mestre Ariano Suassuna, Princesa não era mais que um feudo do “coro-

Correio das Artes

Paraíba é a verdadeira ‘terra mater’ dos dois protagonistas do livro “Personagens do Choro Pernambucano”

FOTO: LENA VETTORAZZO/ESTADÃO CONTEUDO



Violonista e músico Francisco Soares de Araújo (1926-2008), o Canhoto da Paraíba, nasceu em Princesa Isabel, no Sertão do estado

nel” José Pereira, que rompeu com o presidente da Paraíba e declarou independente o município, fronteiro com o Estado de Pernambuco. Contava com o apoio não declarado do governo do estado vizinho e dos empresários do grupo Pessoa de Queiroz, que, apesar de primos de João Pessoa, eram seus inimigos fígados, por razões puramente econômicas: beneficiavam-se de um lucrativo comércio interestadual sem impostos, interrompido pelo novo dirigente paraibano. Por isso o apelidavam, ironicamente, de “João Porteira”.

Foi por tal ligação que o “Estado Livre” ganhou bandeira, hino, constituição e demais atributos: todos concebidos e elaborados pelo genro de um dos Pessoa de Queiroz, José Inojosa. Suas “forças armadas” eram constituídas pelos jagunços de Zé Pereira, além de cangaceiros desgarrados dos bandos tradicionais, alguns afilhados do “Padim Ciço do Juazeiro”, e até soldados da polícia estadual, feitos prisioneiros nas refregas, a quem o velho coronel, espertamente, oferecia, em troca da liberdade, a adesão às suas tropas.

Para descaracterizar, de uma vez por todas, a hipotética semelhança com o arraial de Canudos, com o que parecia sonhar Ariano, e dar a justa medida do caráter reacionário da secessão, basta considerar que, após deflagrada a Revolução de 1930 e finda a aventura, enquanto Zé Pereira passava longos anos foragido, Inojosa, no Rio, trabalhava como jornalista no periódico *Meio-Dia*, de propaganda nazista, financiado pela Embaixada Alemã.

Obviamente, nosso Canhoto, então aprendiz de viola e sucessor do pai no ofício de



FOTO: REPRODUÇÃO/ACERVO JOÃO PERNAMBUCANO

Músico, compositor e violonista João Teixeira Guimarães (1883-1947), mais conhecido como João Pernambuco, nasceu na Paraíba

sacristão, nada teve a ver com os embates do tal “Estado Livre”. E, em tempo, veio erigir sua fama em João Pessoa e Recife, fazendo com que hoje os estados nordestinos da Paraíba e Pernambuco, respectivamente, possam partilhar as suas merecidas glórias.

Aliás, não é só nesse caso que nosso vizinho do sul carimba como pernambucanos os paraibanos ilustres que, por razões diversas, emigram para o Recife e Olinda. Políti-

cos, executivos, empresários, artistas como João Câmara e Raul Córdula, muitos são os casos. Até o próprio Ariano foi rotulado por um trêfego jornalista como “paraibano de nascimento e pernambucano de coração”, o que é bem injusto. Apesar do trauma da morte do seu pai, que fez sua família abrigar-se aqui e o fazia referir-se à capital do seu estado sem mencionar o nome que lhe foi atribuído há quase um século, ele sempre se sen-

tiu e declarou um desterrado, e tal sentimento o acompanhou até a morte.

Mas falemos também de outro caso, novidade para todo o mundo: João Teixeira Guimarães, o João Pernambuco, nasceu na Paraíba! Contudo, aqui o fato mais chocante foi a “apropriação indébita” de sua cantiga “Luar do Sertão”, por Catulo da Paixão Cearense, só bem tardiamente divulgada. Deste, dizia Ariano que era falso até no nome, pois era maranhense. E se observarmos bem veremos que a realidade descrita em seus “versos matutos”, uma opção de escrita hoje felizmente abandonada, não é tão nordestina. Sua canção “Marruêro”, em que o herói é “ruim como piranha, mais pió que a sucuri”, logo revela este fato: a sucuri, cobra gigantesca, é espécie amazônica, de habitat aquático, e não a temos por aqui.

Na verdade, o “grande Catulo” invocado por Zé da Luz, outro paraibano entre os poucos que o seguiram (mesmo ressalvando o desconhecimento dele sobre o “Sertão em carne e osso”), era um grande pilantra. “Luar do Sertão”, que tantas vezes vi minha mãe cantar, como sendo dele, não foi um caso único. Cabotino, em um dos seus livros, escrito em bom vernáculo (*Mata Iluminada*) está uma afirmação de claro pavoneio: “Com gramática ou sem gramática sou um grande poeta”.

Enfim, todas essas reminiscências e glosas me foram suscitadas pela leitura do livro de Teresa Sales, que recomendo a todos. Especialmente aos “chorões”, em cujo time, sem maior pretensão, passo a me inscrever.



FOTO: LUCIANA DAVIAS/RETORRAPHIE

Capa do livro 'Personagens do Choro Pernambucano - Canhoto da Paraíba e João Pernambuco' (editora Autografia), escrito pela socióloga e pesquisadora Teresa Sales (acima)

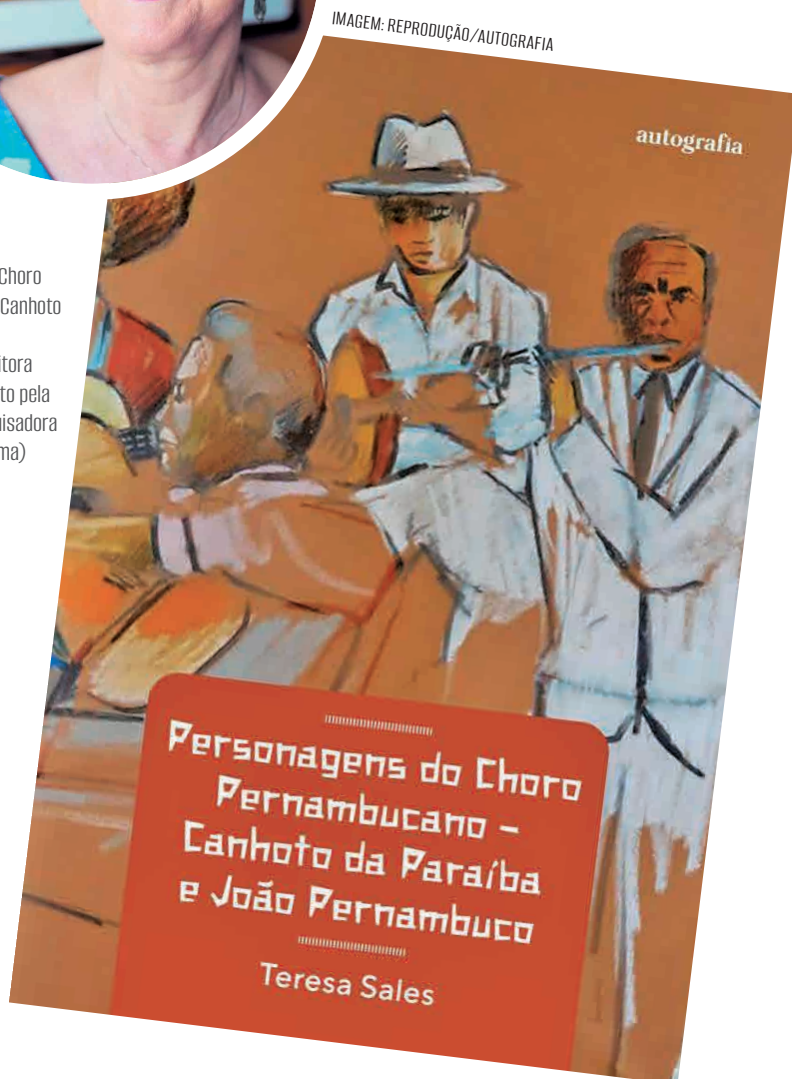


IMAGEM: REPRODUÇÃO/AUTOGRAFIA

O fato mais chocante foi a “apropriação indébita” da cantiga “Luar do Sertão”, por Catulo da Paixão Cearense, só bem tardiamente divulgada

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB)

Natimorto

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

A morte o esperava como um ventre.

Carlos Nejar

Desceu apressado o último lance da ladeira que liga a favela ao asfalto, tênue a fronteira entre dois mundos.

Embaixo, a agitação feérica em tudo difere da camaradagem do morro, onde a comunidade se (re)conhece nas solidárias demandas de cada dia.

O dorso à mostra decalcado de tatuagens: uma caveira nas costas, a Estrela de David no peito, versículo dos *Provérbios* na panturrilha esquerda, Sandra esculpida no ventre e o rosto de Che no calcanhar direito. Apenas um *short*, suado da caminhada sob o calor implacável, a epiderme expondo-se como um *outdoor* de mensagens, textos e traços que se misturam num convívio simbiótico de expressões religiosas e políticas. O marxismo e a *Bíblia* lado a lado, o insondável por testemunha.



O guri continua seu passo, numa das mãos uma sacola vazia, o cabelo de um louro artificial recebendo os raios de um sol escaldante, o trânsito ali impedindo-o de vencer o espaço que o separa da outra ponta, onde a avenida é um *boulevard* de ofertas, um *pout-pourri* de gente a caminho do trabalho ou de casa, outros em busca de alguma coisa, vaivém de passos antagônicos, no entretempo dos que-fazeres e olhos que se cruzam e não se veem.

Uma senhora de óculos com lentes fundo de garrafa, entre balbucios inaudíveis, divide com ele a atenção no fluxo divergente de automóveis, mas recua depois de tentar em vão zigzaguar entre o escorrer da centopeia metálica naquele meio-dia repleto de velocidade e urgências. Vai-não-vai, passos indecisos em meio ao trânsito que se retroalimenta numa fluidez descomunal. Os dois ali, estáticos e inermes, diante da força bruta do movimento que parece nunca ter fim.

Ergue-se na ponta dos pés e reconhece na calçada oposta a figura de Wesley, o parceiro das quebradas, a quem grita pelo apelido: “Baiano, ô Baiano!”, expande a voz num ricochete inócuo e ainda mais uma vez insiste no apelo, mas o “parça” segue sem ouvir o chamado, certamente sua audição impugnada pelo burburinho e estridência dos sons na hora do *rush*. E sua figura se esfuma no emaranhado de vozes, sons e imagens da metrópole apressurada. Anônimo e resoluto, como areia na ampulheta, continua na apreensiva

tentativa de seguir em direção ao seu destino.

Nem bem o semáforo alternou-se para o verde, a mulher já a meio da via só escutou o barulho surdo do projétil que o derrotaria naquela sexta-feira sem outra novidade qualquer, senão o calvário de que são feitas certas vidas.

Para não tumultuar o trânsito, uns poucos que flagram o acontecimento antes de a polícia chegar, retiraram o corpo (silenciado, pálido, já desligado da feroz mecânica daquele dia), a sacola de plástico já havia se extraviado com o aparato de ventos naquele corredor de veículos e motos, um chinelo ainda guarnecia um dos pés.

Entre a indiferença e o temor, curiosos olhavam de soslaio; um bêbado chegou com uma vela e colocou-a rente à cabeça do cadáver, que não trazia celular nem documentos, somente no bolso uma bagana pela metade que já se encharcava com o fio vermelho a escorrer vultoso do lado esquerdo inundando-lhe a epiderme como uma severa e sinistra pichação.

**O trânsito ali impedindo-o
de vencer o espaço que
o separa da outra ponta,
onde a avenida é um
boulevard de ofertas, um
pout-pourri de gente a
caminho do trabalho
ou de casa**

“O Guarani”

Convergência e consistência temática entre a música, a literatura e o cinema

Francelino Soares

Especial para o *Correio das Artes*

Monumento do músico, compositor e maestro Antônio Carlos Gomes (1836–1896), autor de “O Guarani”, em Campinas (SP)

Tem-se ouvido com insistente frequência e cada vez mais, o que já virou até uma espécie de cantilena, que “o brasileiro tem memória curta”. Aos que alimentam o saudável hábito de cultuar a nossa música, o fato se torna ainda mais notório. Arrisca-se dizer, mas não se pode garantir, que, com a nossa literatura, acontece quase a mesma coisa. Em se tratando então da Sétima Arte, os entendidos que o digam...

Tais reflexões nos vêm mais centradas na música, seja de viés popular, seja na chamada música clássica ou erudita, claro, nesta com mais intensidade.

É provável ou possível — avaliem os leitores — que o

nosso primeiro contato com o nome do músico, compositor e maestro Antônio Carlos Gomes (Campinas, São Paulo, 1836–Belém, Pará, 1896) nos venha mesmo antes do nome do escritor José (Martiniano) de Alencar (Mecejana, Ceará, 1829–Rio de Janeiro, 1877).



Regredindo no tempo e no espaço e a título de esclarecimento, rememore-se que o programa de rádio mais antigo do país, como de todo o hemisfério sul, ainda hoje em difusão, foi criado, com o nome de *Programa Nacional*, por Armando Campos, no governo de Getúlio Vargas, em julho de 1935, portanto 13 anos após o advento do que se costuma chamar de “era do rádio” (setembro de 1922). O programa tinha, como ainda tem hoje, uma hora de

duração, com o objetivo de divulgar os atos dos poderes executivo, legislativo e judiciário, sendo, portanto, considerado um porta-voz dos atos administrativos do poder central. Gerado, originalmente, pela Rádio Nacional, nos tempos da relembra voz do noticiário cinematográfico, o carioca Luiz Jatobá, é hoje transmitido pela Empresa Brasil de Comunicação, tendo passado a se chamar *A Hora do Brasil* (de 1938 a 1972), quando teve o nome mudado para *A Voz do Brasil*. Foi da primeira fase que se originou o conhecimento da abertura/característica da ópera *Il Guarany*, do original italiano, portanto, para alguns, antecedendo a popularização do próprio romance *O Guarani*, de José de Alencar. Eram os tempos em que ouvíamos, pelos serviços de alto-falantes de todo o Brasil, a lembrada abertura: *No Rio* [depois, *Em Brasília*], *são 19h. No ar — A Voz do Brasil —* a que se seguiam os acordes iniciais da sinfonia que abre o “Ato I” da citada ópera, e que os mais tradicionais costumam chamar de nosso segundo Hino Nacional. Em pequenos intervalos pontuais, a música de Carlos Gomes era alternada ora por acordes do Hino da Independência, ora pela “Aquarela do Brasil”. Em 2018, foi regulamentada pelo Código Brasileiro de Telecomunicações a flexibilização do horário de transmissão do noticiário que, de acordo com o disciplinamento das emissoras radiofônicas, poderia acontecer entre 19h e 22h, sempre de segunda a sexta-feira, quando não coincidissem com algum feriado nacional.

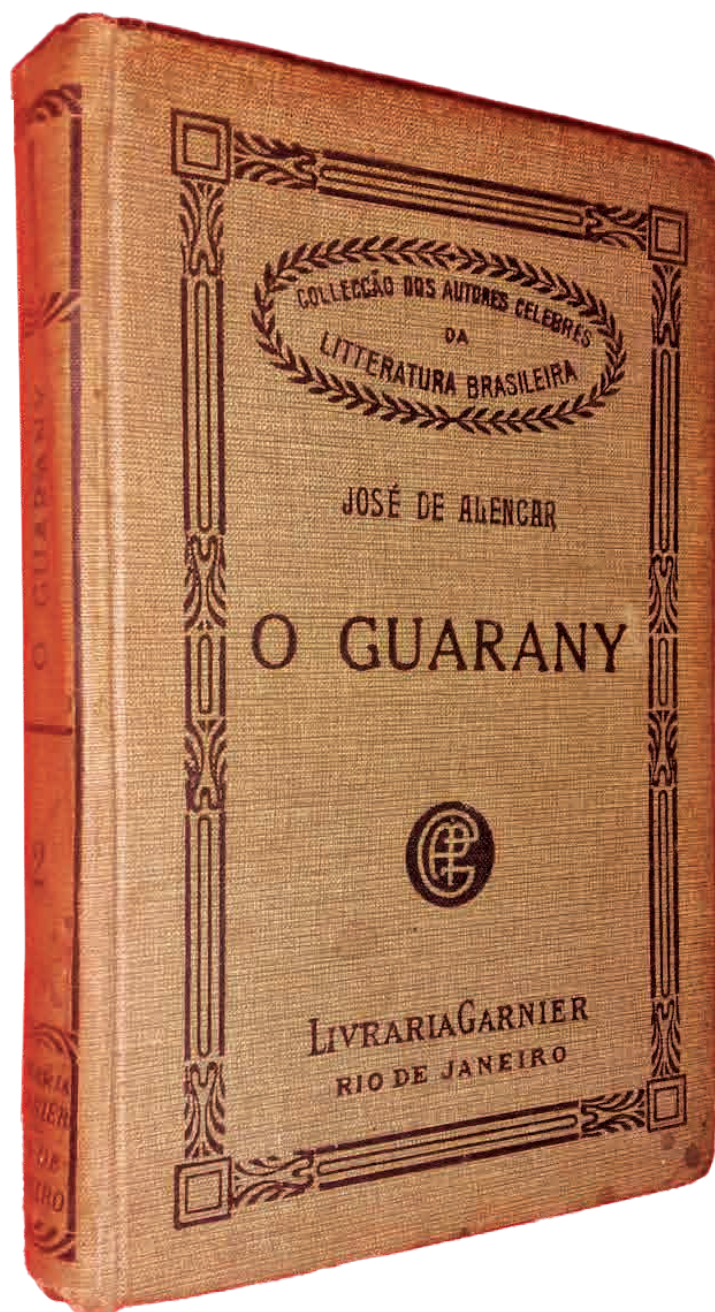


Tudo começou, obviamente, com o sucesso alcançado por

José de Alencar, contemporâneo de Carlos Gomes, aquele o autor do romance *O Guarani*, hoje considerado um clássico de nossa literatura. O exercício em nossa prosa de ficção por parte de Alencar teve início com o folhetim *Cinco Minutos*, cuja publicação, inicialmente, aconteceu, em edições diárias, nas folhas do *Diário do Rio de Janeiro*, em 1857. O sucesso entre leitores comuns foi tanto que, dois anos depois, ocorreu o início da publicação pela mesma fonte do que seria o romance *O Guarani*, posteriormente editado em livro que viria a marcar a prévia de uma literatura autenticamente nacional, com enfoque

Contato entre os colonizadores lusos e os indígenas aborígenes levou Alencar a trilhar os caminhos para o estabelecimento de um real painel do Brasil daqueles tempos

IMAGEM: REPRODUÇÃO/THAIS QUEIROZ



Exemplar de 1926 de 'O Guarany', pela editora Livraria Garnier; originalmente, o capítulo inicial do romance foi publicado no 'Diário do Rio de Janeiro', em 1859

José de Alencar (1829-1877), contemporâneo de Carlos Gomes e autor do romance 'O Guarani', hoje considerado um clássico da literatura brasileira

FOTO: ALBERTO HENSCHEL/REPRODUÇÃO



em
te -
mas
ligados à
nossa cultu-
ra: o contato entre
os colonizadores lusos e o nos-
so indígena aborígene, levando
o autor a trilhar os caminhos
para o estabelecimento de um
real painel do Brasil daqueles
tempos. De início, Alencar foi
pouco entendido como um re-
novador dos nossos costumes e
hábitos literários e linguísticos,
imprimindo uma nova concep-
ção à nossa literatura, então
ainda adesa aos princípios ba-
silares da literatura europeia:
Portugal, com Herculano, Ca-
milo Castelo Branco e Antônio
Feliciano de Castilho; e Fran-
ça, com Balzac, Dumas, Victor
Hugo e Chateaubriand, sobre-
tudo. Alencar começou a ser
aceito pelos que cultivavam a

autenticida-
de de sua pro-
sa, o que o fez
tornar-se amigo

íntimo de Machado
de Assis, e levou aquele a
ser escolhido por este para in-
tegrar a Academia Brasileira de
Letras (ABL), de cuja Cadeira
23 ele é hoje o patrono imortal.
Embora os nossos primeiros
passos, no romantismo nacio-
nal, tenham sido dados por Joa-
quim Manuel de Macedo, com
A Moreninha (1844), a obra de
José de Alencar é hoje reconhe-
cida como a primeira grande
obra da literatura nacional,
tendo sido o autor classificado
pelo crítico literário José Verís-
simo como “o verdadeiro cria-
dor do romance brasileiro”. Por
sua vez, outro crítico, Antônio
Cândido, confirma: “Alencar é
o primeiro ficcionista de bom
nível na literatura brasileira; a

sua obra representa, na prosa, a
realização da tendência nacio-
nal, que vinha sendo reclama-
da pela opinião crítica e pelo
sentimento de autonomia”. A
prosa alencarina, por meio de
descrições paisagísticas e do
uso de figuras de linguagem
e de estilo, transmite-nos um
gosto poético inerente ao subje-
tismo romântico.

Para os que ainda não se
detiveram na leitura de *O
Guarani*, o enredo centraliza
suas ações na devoção e fide-
lidade do índio goitacá Peri a
Ceci. Após os entreveros de
um romance quase impossí-
vel, em fuga os dois como que
revivem a lenda indígena de
Tamandaré e sua esposa. Os
demais personagens da trama
romântica seguem um cami-
nho marcado por influências
simbólicas, herói-protagonista
e demonstram influências sim-
bólicas (herói/heroína), com a
família de Ceci circundando
os eventos do enredo entre-
meado pelos vilões da estória.



Carlos Gomes, ao lado de
Heitor Villa-Lobos, com cer-

**Carlos Gomes,
ao lado de Heitor
Villa-Lobos, é o
mais conhecido e
festejado músico
brasileiro, com
reconhecimento
internacional**

teza, é, dentre outros nossos compositores, o mais conhecido e festejado músico brasileiro, com reconhecimento internacional, tendo sido o primeiro a ter obras apresentadas no renomado Teatro Alla Scala, de Milão, na Itália.

Filho de uma família humilde, o pai Manuel José Gomes, conhecido como Maneco Músico, levou o filho, que se assinava por Nhô Tônico, a criar gosto pela música desde cedo. A dor alcançou-o ainda criança quando perdeu a mãe, Fabiana Jaguari Gomes, tragicamente assassinada aos 28 anos de idade, sem que nunca se soubesse por quem e por que motivos. As dificuldades para criar os muitos filhos, levaram o pai a formar com estes a Banda Musical de Campinas, destinada a apresentações públicas e privadas no interior paulista. Carlos e o irmão dele, José Pedro, seu inseparável companheiro, com o afastamento do pai pelo fator etário, assumiram o comando da Banda, com aquele na direção do grupo e com repertório inclinado ao estilo romântico da época.

Autodidata e familiarizado com os meandros da composição musical, já aos quinze anos compunha valsas, polcas e quadrilhas, chegando, aos 18 anos, a compor uma “Missa de São Sebastião”, de que foi o intérprete de alguns solos vocálicos. Em 1857, portanto, aos 21 anos, compôs uma modinha — “Suspiros d’Alma” — com texto do poeta romântico português Almeida Garret.

Sempre ainda orientado pelo pai, passou a se apresentar em vários concertos e começou a lecionar canto e piano, bem como passou a dedicar-se com afinco aos estudos de óperas, com preferência pelo italiano Giuseppe Verdi. Tornou-se assim conhecido e valorizado na capital paulista onde, frequentemente, era convidado a participar de concertos. Daí para a sede da Corte, o Rio de Janeiro, foi um pulo: estreou no antigo Teatro Lyrico Fluminense, com o seu primeiro trabalho de *fôlego* *A Noite do Castelo*, miniópera baseada em texto de Antônio Feliciano de Castilho. O próprio Dom

Pedro II, presente à estreia, agraciou-o com a medalha Imperial Ordem da Rosa. A sua segunda ópera foi *Joana de Flandres*, com texto (libreto) de Salvador de Mendonça. Já integrando a Congregação da Academia Imperial de Belas Artes, foi escolhido para ir à Europa, com viagem custeada pela Empresa de Ópera Lyrica Nacional. Alcançava, assim, a mais almejada ambição: os palcos da Europa. Antes, porém, despedindo-se, pessoalmente do Imperador, conseguiu deste a nomeação do seu já velho pai para o cargo de Mestre da Capela Imperial. A esse propósito, Dom Pedro queria-o na Alemanha, mas prevaleceu a indicação da Imperatriz Dona Tereza Cristina, napolitana que era, sugerindo-lhe a Itália.

Saudoso do seu torrão natal, é dessa fase a sua imortal criação musical “Quem sabe?” (1859, com letra de Bittencourt Sampaio), dedicada à namorada de juventude Ambrosina Correia do Lago.

Com recomendação de Dom Pedro II, foi recebido, em Portugal, pelo Rei Fer-



Fachada do renomado Teatro Alla Scala, de Milão, na Itália



Estátua 'Fosca, Fonte dos Desejos Glória' parte do monumento do italiano Luigi Brizzolara (1868-1937) em homenagem a Gomes, presente da comunidade italiana de São Paulo pelo Centenário da Independência do Brasil

nando, que, por sua vez, o recomendou ao diretor do Conservatório de Milão que, encantado com o talento do jovem Carlos Gomes, passou a protegê-lo e a recomendá-lo. Em 1866, recebia na Itália o diploma de mestre e compositor, com merecido reconhecimento de professores e críticos musicais.

-Um acaso levou-o à ambicionada apresentação no Teatro Alla Scala: passeando por uma rua de Roma, ouviu um gazeteiro apregoando: "*Il Guarany! Il Guarany! Storia interessante del selvaggi del Brasile!*" Embora não se tratasse de uma boa versão, o texto o empolgou. Buscou o já amigo Antonio Scalvini que se deixou conquistar pela originalidade da estória e escreveu o libreto da ópera. Assim, surgiu a ópera homônima que, apesar de não ser considerada a sua obra-prima, foi a que o imortalizou. Personagens e enredo originais foram respeitados, mas, com certeza, o exotismo dos componentes do *mise-en-scène* tornou-se em espetáculo à parte. A estreia aconteceu em 19 de março de 1870, e a peça foi representada em quase toda a Europa e na América do Norte; no Brasil, a ópera foi apresentada pela vez primeira no Teatro Dom Pedro II, em 2 de dezembro do mesmo ano.

Outras óperas do autor: *Fosca* (1873), *Salvatore Rosa* (1874), *Maria Tudor* (1879), *Lo Schiavo* (1889), *Condor* (1891), *Colombo* (1892). Embora, admirasse os compositores alemães e italianos, sua influência maior foi de Giuseppe Verdi.

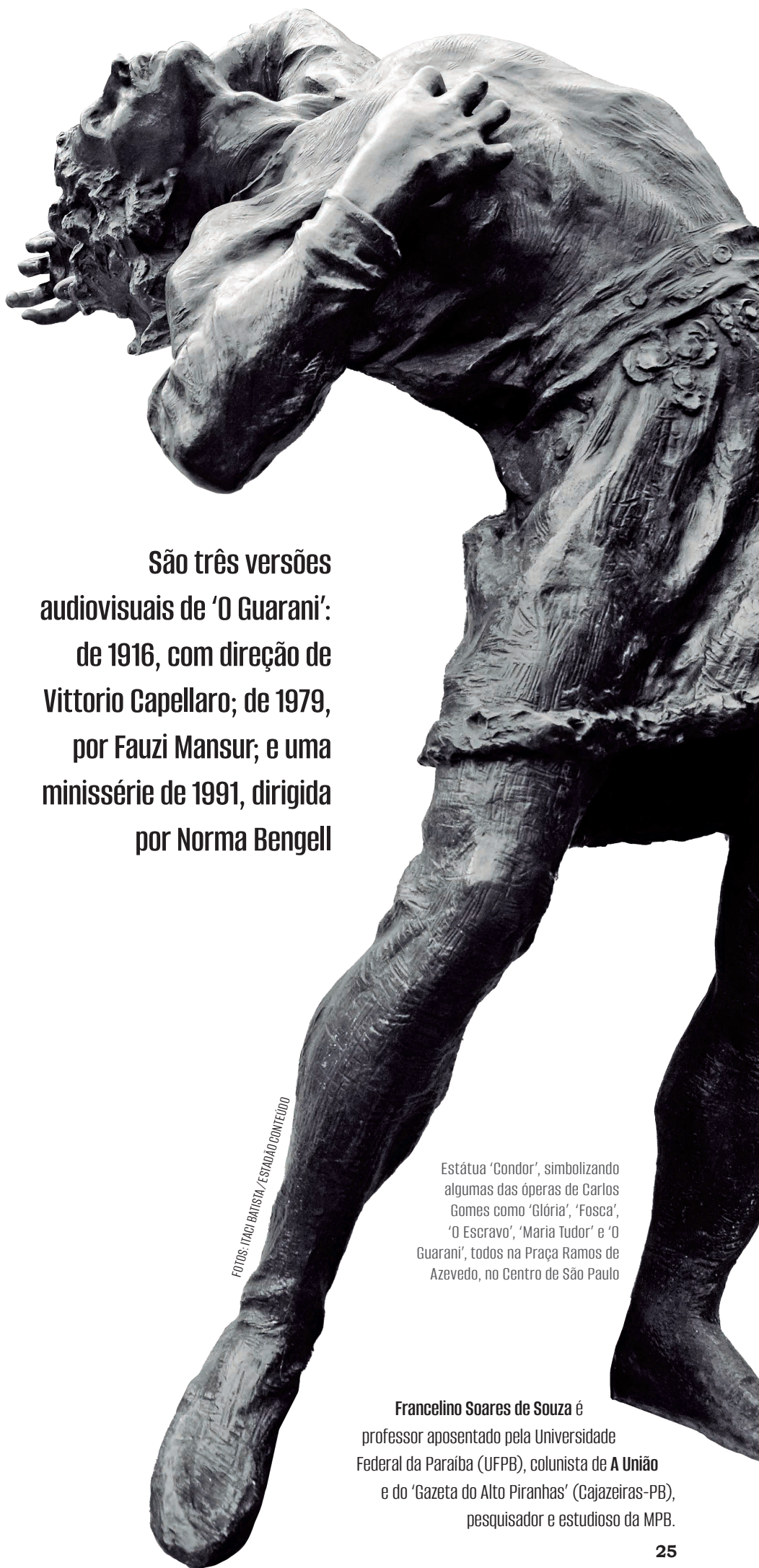
Quando aguardava nomeação, como diretor do Conservatório Nacional, no

Brasil, já meio alquebrado com um CA que o atingiu na língua e garganta, e com o exílio de Dom Pedro II, após a Proclamação da República, Carlos Gomes foi convidado a escrever um novo Hino Nacional, porém, por respeito ao ex-Imperador, recusou-se a fazê-lo. Desgostoso com os acontecimentos, aceitou convite do então governador do Pará, Lauro Sodré, e assumiu a direção do recém-criado Conservatório Carlos Gomes. Mesmo assim, a doença, arrefeceu-lhe o ânimo. Ainda voltou à Itália para organizar seus pertences e despedir-se dos filhos. Seu desenlace ocorreu no regresso à Capital paraense, em 16 de setembro de 1896, cercado por autoridades e amigos, com todas as honras públicas e sociais.



Sempre preservando textos e figurinos originais, com necessárias adaptações, o cinema brasileiro já levou às telas, pelo menos, três versões de *O Guarani*: versão de 1916, com direção de Vittorio Capellaro, em preto e branco, mudo, cópia não mais existente; versão dirigida, em 1979, por Fauzi Mansur, roteiro de Ody Fraga, com David Cardoso (Peri) e Dorothee Marie (Ceci); em 1996, dirigida por Norma Bengell, com Márcio Garcia (Peri) e Tatiana Issa (Ceci), com trilha musical de Wagner Tiso e música incidental de Carlos Gomes; em 1991, a antiga TV Manchete produziu a minissérie, que contava com Leonardo Brício (Peri) e Angélica (Ceci).

Já é tempo de se conhecer e valorizar a audição completa de “O Guarani”!...



São três versões audiovisuais de ‘O Guarani’: de 1916, com direção de Vittorio Capellaro; de 1979, por Fauzi Mansur; e uma minissérie de 1991, dirigida por Norma Bengell

FOTOS: ITACI BATISTA / ESTADÃO CONTEÚDO

Estátua ‘Condor’, simbolizando algumas das óperas de Carlos Gomes como ‘Glória’, ‘Fosca’, ‘O Escravo’, ‘Maria Tudor’ e ‘O Guarani’, todos na Praça Ramos de Azevedo, no Centro de São Paulo

Francelino Soares de Souza é professor aposentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), colunista de *A União* e do ‘Gazeta do Alto Piranhas’ (Cajazeiras-PB), pesquisador e estudioso da MPB.

O embrulho

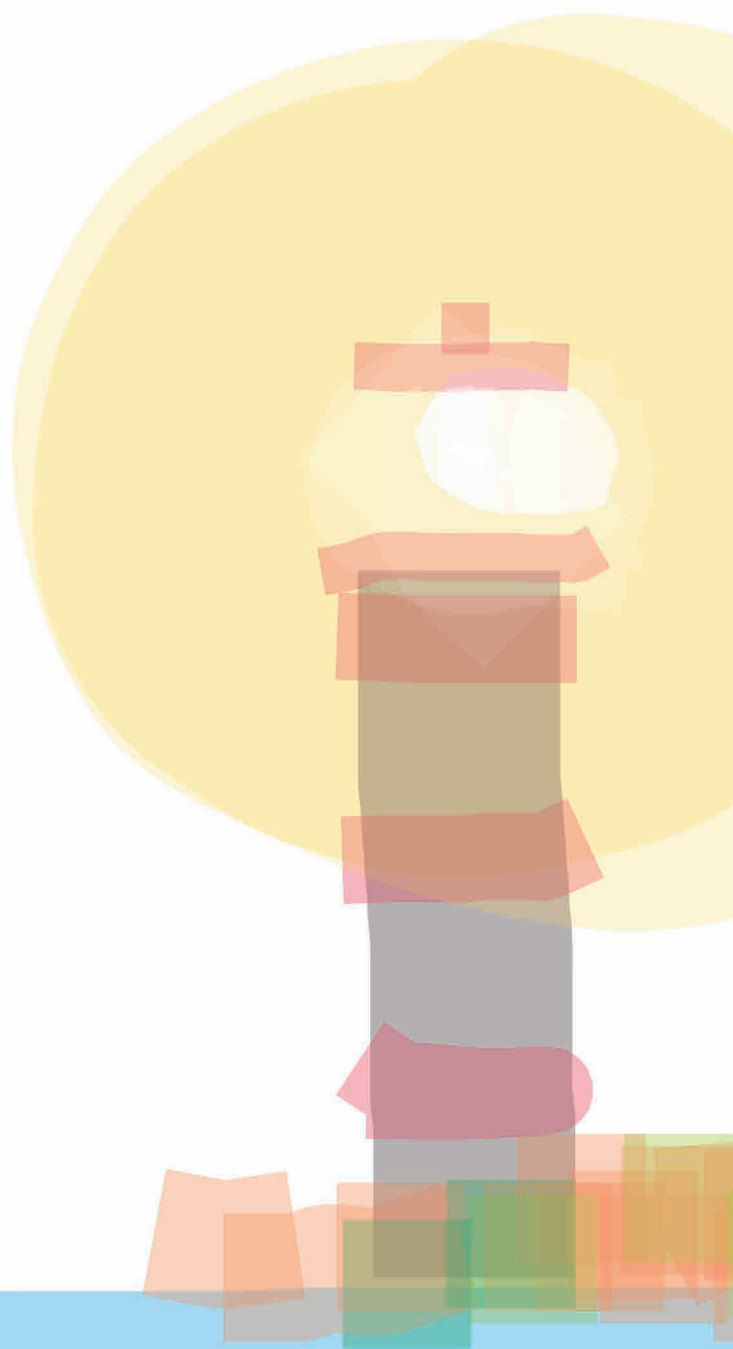
*Andei desembrulhando lembranças
daquelas que as gotas de orvalho da noite
molham a superfície das coisas insanas.*

*E percebi nos papéis de presentes amassados
que delicadamente protegem a fragilidade,
resquícios de minha vicissitude
e marcas de saudade.*

*Os papéis eram outros,
e de certa forma
ainda apresentavam o formato das coisas que guardavam.
O tempo do embrulho moldou a tessitura do papel
e ele tomou forma
e do vazio que ficou no seu interior
fez poesia.*

*Poesia daquelas que entorpece os sentidos
que encontra sentidos não findos
para coisas pequenas.
E do vazio preenchido,
sussurrou ausência
aos meus ouvidos.*

*E eles que já estavam acostumados
a saudade acalentada
registraram num segundo
a poesia que precisa ser experimentada.*



de Vasconcelos

A procura de mim

*Sou alma em busca de conhecimento
poesia em forma de consentimento,
do farol, a vista de um mirante
e a beleza de um olhar impactante.*

*Sou processo imaginário
De teor libertário,
Sou o “eu” que insiste em ser revolucionário.*

*Sou do poeta a inspiração
da mente, a imensidão,
da alma os olhos do amor
da calma os instantes de louvor.*

*Posso ser a paz,
do ser que progride e faz.
Sou um ser em busca de se aprimorar
Um ser físico na busca do despertar.*

*Um buscador consciente
De evolução rítmica e latente,
que almeja estar sempre à frente.*

*Um ser que busca a sabedoria
por palavras que revelam teorias,
Sou mente que se abre a um novo pensamento,
Aprendiz em busca de amadurecimento.
Apenas sou o “eu” em processo de conhecimento
neste firmamento.*

Romancear

1.
*Dizem que romance
faz a gente tremer
Sem ser de frio
e com vontade de viver.
Daquelas tremedeiras
cujas pernas bambas
vacilam o tiritar de cadeiras
Caramba!
...ambas?*

2.
*Manda parar!
Aos tropeços na vida
banja romancear...
Preciso ser franca e
faceira na dança
samba na rampa, zanga!
quanta pampa
temos de herança.*

3.
*Lança histórias
de festas e santas glórias
memórias?
Romanas semelhanças
de anseios-esperança
da sede de se juntar.*

4.
*Seria verossimilhança?
qual dança tântrica
querendo acasalar
debanda os receios
por fins derradeiros
por mil devaneios
do tal romancear.*

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.





Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com



Cartas e mapas literários pouco ou nunca dantes navegados

A cultura literária certamente transcende o território específico do texto, em seus dispositivos formais e estilísticos, para abrigar, já em outra instância, a vida multifária dos autores, suas relações de amizade ou de conflitos, suas idiossincrasias, suas vaidades, suas ilusões, a intimidade e a convivência pública com seus pares, enfim, os bastidores de suas ocorrências cotidianas.

Os livros, o fenômeno editorial, os lugares, as preferências, os gostos e os desgostos, enfim, tudo que envolve a tessitura do ato criador como que colabora para desenhar a ambiguidade da vida literária, com seus altos e baixos, suas fantasias, fantasmas, inveja e desafeições.





Gil Messias é um leitor culto e refinado, com longa e intensa experiência de leitura, além de ser dono de uma escrita singela, fluida e convincente

FOTO: MARCOS RUSSO/ARQUIVO A UNIÃO

Nem sempre, portanto, o desafio consiste na elucidação exegética da arte da palavra, no seu empenho secreto a se traduzir nos artefatos da beleza. Nem sempre é a estética dos vocábulos, arrumados em frases e orações, cujo poder de transfiguração da realidade as transforma no corpo mágico de um poema, na epifania de um conto, na alquimia de um romance ou na exuberância cognitiva de um ensaio, que estabelece as diretrizes e centraliza o foco dos que amam a literatura e seus derivados.

Há leitores que ingressam em aventuras diferentes e nos trazem, depois de suas viagens a tópicos inesperadas e surpreendentes, outros saberes e outras verdades, que não os cravados no apelo intrínseco e artístico das palavras. E ao fim, quem sabe, tudo termina convergindo para o enriquecimento do espetáculo e para a profusão diversificada da “coisa” literária.

Ocorrem-me tais reflexões porque me vejo mergulhado, e prazerosamente mergulhado, na leitura dos textos de Francisco Gil Messias, coletados sob o título *O redator de obituários: crônicas, artigos e talvez ensaios* (João Pessoa: Ideia, 2022). Livro que, em certo sentido, retoma e dá continuidade a *Um dedo de prosa: escritos da aldeia* (2014), sua obra anterior.

Não que ele, Francisco Gil Messias, descure desse encontro maior tocado pelo júbilo analítico, e passe ao largo de questões próprias à axiologia literária ou poética. Leitor culto e refinado, com longa e intensa experiência de leitura, também sabe, na ocasião adequada, e, sobremaneira, quando o texto pede, ajuizar essa ou aquela passagem textual na perspectiva dos melhores e mais legítimos fundamentos estéticos,



IMAGEM: REPRODUÇÃO/ARQUIVO ABL

Poeta, romancista, contista, cronista, ensaísta e jornalista alagoano Lêdo Ivo (1924-2012)

sem pedantismo teórico nem autoritarismo didático.

Só para pinçar alguns exemplos, observem-se suas incurções heurísticas pela poética de Lêdo Ivo, o perfil que traça do escritor e professor paraibano Francisco Pereira, as aproximações interpretativas que ensaia acerca de Afonso Arinos, Machado de Assis e Celso Furtado, em páginas das mais sugestivas e esclarecedoras.

Aqui, mais que em outro qualquer lugar, é a figura do intérprete e do crítico que se modula nas ondas do movimento ensaístico, singrando, por dentro, o objeto de estudo eleito, em suas ofertas semânticas, singularidade e disposição temática. Em *Lêdo Ivo dá adeus*, comenta, a certa altura:

“Em *Aurora*, poema inaugural do livro, o poeta, saudando a epifania do raiar do dia, afirma já saber da escuridão que pousará em seu chão e da bruxa insaciável que lhe trará o *sinistro lençol que apaga para sempre a luz de qualquer sol*. E, incisivo, declara que *isto pouco importa*. Interessá-lhe mais o clarear da manhã nascente, na qual ele diz estar nascendo também, para escutar jubiloso *a voz inumerável da promessa do dia*. Vê-se, portanto, que a chegada das trevas é sabida, mas que para o autor mais vale a luz da alvorada

que se anuncia. E, principalmente, no último verso, que *tudo é epifania*, tanto a noite como o dia. É o poeta aberto para a duvidosa vida e para a morte certa, o poeta disponível para o que a antemãnhã lhe trazer, seja o que for”.

Trechos assim, colhidos nos escritos mais longos e mais densos, atestam perfeitamente a lógica de meu raciocínio. Sobreretudo porque, se o analista parte das primeiras impressões, frutos de sua sensibilidade e inteligência, impõe, contudo, a si mesmo e à Ezra Pound, os elementos probatórios com a citação dos versos, no sentido de demonstrar a pertinência e a validade de sua interpretação. Afinal, é sempre o texto que fala mais alto. Daí a necessidade de compartilhar, com o leitor, seus apetrechos formais e seus veios ideativos.

O curioso ensaio *Sobre casas e seus donos* traz à tona as figuras de Stefan Zweig, Gilberto Freyre e José Américo de Almeida, no sentido de descortinar,

num misto de esteta e psicólogo social, as ressonâncias da criatura humana na composição de sua paisagem privada, e, por outro lado, o que esta paisagem confirma e reflete das eleições e preferências que conduzem os passos íntimos de seus habitantes privilegiados. A casa de Petrópolis, a casa de Apipucos e a casa do Cabo Branco constituem, por assim dizer, molduras insubstituíveis dos homens que nelas viveram, ou, em outra clave, fotografias concretas de seus sonhos, desejos, comportamento e ética singular.

Sempre lançando mão de seu método dedutivo, partindo, portanto, da reflexão genérica e do pensamento abstrato para a particularidade do exemplo, assinala Francisco Gil Messias, logo no início deste ensaio: “Algumas casas tornam-se emblemas de seus donos. Aliás, pode-se dizer que toda casa é, em certa medida, um reflexo do dono”, e, citando Dominique Bona, biógrafa do

autor de *O medo e outras novelas*, endossa a ideia de que “Para Zweig, Petrópolis é a Salzburgo dos trópicos. Não faltam senão os concertos e a batuta de Toscanini para ele se deixar levar de todo pela ilusão”.

Sobre a morada do autor de *Sobrados & mocambos*, afirma, sem dúvida, “é uma casa-grande, mas principalmente é uma casa nordestina, desse Nordeste sóbrio onde até mesmo o fausto se veste de austero”. E, já percorrendo a casa do romancista de *A bagaceira*, ressalta: “{...} observo os móveis e enfeites, e concludo definitivamente: é a cara do dono. Pura austeridade, nenhum luxo supérfluo, sem prejuízo da discreta elegância e do conforto”.

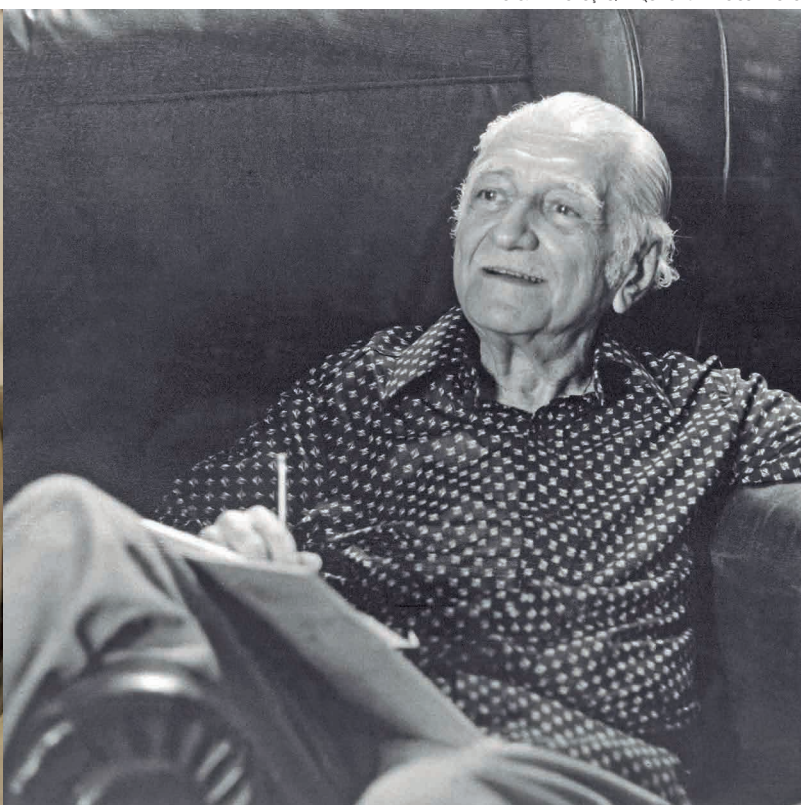
É esta a geografia que Francisco Gil Messias devassa nos seus “talvez ensaios” e também nas suas crônicas e artigos aqui reunidos. A propósito, seus artigos têm um ar de crônica, e suas crônicas, um quê de artigo. O registro estilístico de uma ecoa na propulsão

Ensaio ‘Sobre casas e seus donos’ traz à tona as figuras do austríaco Stefan Zweig (E), do pernambucano Gilberto Freyre (C) e do paraibano José Américo de Almeida (D), no sentido de descortinar, num misto de esteta e psicólogo social, as ressonâncias da criatura humana na composição de sua paisagem privada

FOTO: REPRODUÇÃO/ACERVO ARQUIVO NACIONAL



FOTO: REPRODUÇÃO/ARQUIVO ESTADÃO CONTEÚDO



das ideias do outro. Uma e outro se mesclam na transversalidade do apelo literário. Não obstante, diria: um toque sutil do mais engenhoso ensaio lastreia o desenvolvimento andamento de seus raciocínios amparados pela clareza e pela força persuasiva dos textos.

Seu encontro com a arte literária deixa-se pautar por sinais heterodoxos e se configura no confronto com detalhes, sutilezas, nuances e apelos que não condizem com as regras das cartilhas convencionais. Muito das peças selecionadas seguem este paradigma peculiar, a exemplo, dentre outras, de: *Oswald de Andrade e a Academia*, *Torpezas de Heidegger e outras*, *Reminiscências de Órris Soares*, *Frustrações de Hermano José*, *O chinelo de Villa-Lobos*, *Somos todos Ivan Ilich*, *Os escritores de Juscelino*, *A última carta de Machado de Assis* e *50 anos de 'O nariz do morto*.

Aqui, a par da ambivalência dos gêneros a oscilar en-

tre o jornalismo e a literatura, com aquela saudável hibridez das coisas indefiníveis, o que conta mesmo é aquela filigrana curiosa, o fato pitoresco, o traço incomum, a característica surpreendente que tornam os assuntos e motivos escolhidos dentro da escala elástica e atraente da vida literária e cultural.

Grosso modo, a diretriz de seu pensamento trai certo tom genérico em que a observação, partindo de abstrações mentais e de configurações teóricas, desloca-se deste eixo de partida para se exemplificar ou se comprovar com o episódio ou ocorrência singulares sobre os quais medita ou aos quais comenta, narra ou descreve. Por trás das observações, dos dados, das informações e dos relatos, habita um pensador, sábio e sereno, um leitor, especial e agudo, um prosador maduro e elegante.

Vejo alguma coisa de fidalgo na maneira como Francisco

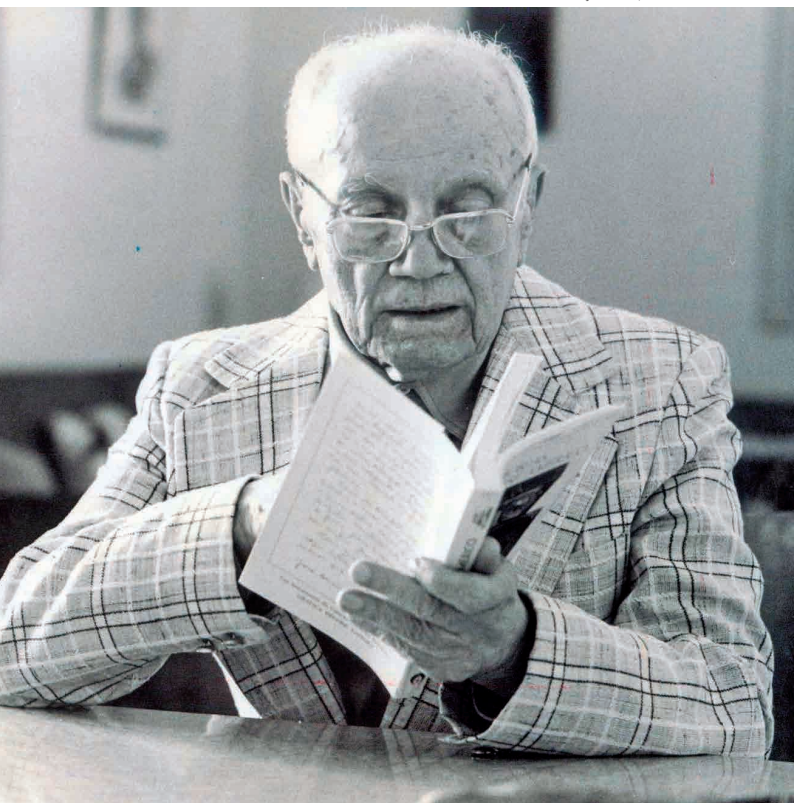
Gil Messias apalpa a nervura das coisas. Certas indicações, na perspectiva do leitor, quer de autores, quer de gêneros, podem muito bem situá-lo numa tradição de poucos, Tradição refinada e aristocrática, com quem parece conviver e dialogar em plena intimidade. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima, José Américo de Almeida, Antônio Carlos Villaça, Juares da Gama Batista, só para me valer de nomes brasileiros, compõem este elenco de cuja família literária e estética o autor sabe absorver a herança de inteligência e de sensibilidade que o vem marcando ao longo do tempo.

Francisco Gil Messias é pessoense e tem publicados dois livros de poemas: *Olhares (poemas bissextos)*, de 2008, e *A medida do possível (E outros poemas da aldeia)*, de 2011, nos quais revela um lirismo de índole filosófica e meditativa, afeito aos sortilégios dos temas permanentes. Possui formação jurídica e exerceu a função de Advogado Geral da União junto à UFPB. No entanto, sua paixão de sempre e sua inclinação visceral foram e são a literatura, sobretudo naquilo que ela pode trazer de enriquecimento para a enigmática experiência do humano.

O redator de obituários confirma este testemunho, na sua escrita singela, fluida e convincente; no seu desafio para uma viagem por cartas e mapas literários pouco ou nunca dantes navegados.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

FOTO: REPRODUÇÃO/ARQUIVO ESTADÃO CONTEÚDO



Sob o cálamo de Gil Messias

Milton Marques Júnior
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: MARCOS RUSSO/ARQUIVO A UNIÃO



Gil Messias não é escritor. Escritor qualquer um pode se declarar, basta juntar alguns textos, enfeixar em um volume e pespegar a si próprio o que considera uma láurea. Gil Messias é mais, muito mais. Gil Messias é leitor. O escritor vem por acréscimo, vem do transbordamento da leitura que, por não poder ser represada, Gil, na sua generosidade, resolve compartilhar conosco, agradecidos leitores. É leitor voraz, atento, avisado, que reconhece a necessidade das releituras (“Nas releituras é que se descobrem as coisas”, *Os escritores de Juscelino*, página 104), símbolo do amadurecimento, na percepção do escrito (“A primeira leitura, portanto, é a da criança, a releitura já é coisa de homem feito”, *Caetano e Vandrê: caminhos opostos*, página 345). E o leitor é proveniente da necessidade de saber

Gil escreve à moda antiga, com apuro, paciência, escolhendo o vocábulo, pontuando a frase com a harmonia certa, de modo suave

A UNIÃO

e de conhecer (“sou um curioso de marca maior”, *As cartas de Freyre e Bandeira*, página 79), que precisa estimular a curiosidade, termo bem longe do seu sentido de pura bisbilhotice, guardando seu sentido original de cuidado, do que busca saber minuciosamente, pois a compreensão analítica está no detalhe, como ele o diz muito bem ao falar da sua paixão pela leitura dos diários:

“No fundo, trata-se talvez de mera curiosidade sobre a chamada natureza humana, não uma bisbilhotice de fofoca, mas antes um desejo do intelecto de conhecer o outro em sua verdade mais íntima, para daí colher impressões, reflexões e lições, porque sempre se aprende algo nesses passeios memorialistas” (*As memórias dos outros*, página 291).

É claro que, desdobrando-se do leitor, algumas vezes o escritor, sobretudo machadiano, dá o ar de sua graça, em frases como:

“Ando a ressuscitar Lázarus sem possuir dons ou santidade para tanto” (*Segredos descobertos*, página 107).

“A verdade tem a cara limpa, sem maquiagem nem trejeitos” (*Retrato do cronista*, página 158).

“As declarações de amor — assim como as crônicas — não admitem o sujeito oculto” (*Primeira pessoa do singular*, páginas 309-310).

Ou alguém duvida da existência de uma boa página de ficção contida na apresentação sucinta e misteriosa abaixo, na maneira como Gil Messias retoma Juarez da Gama Batista, traçando o perfil de José Américo de Almeida?

“Parecia um homem comum. Talvez um funcionário público modesto, talvez um guarda-livros, antiga profissão fadada à extinção, pelo menos no nome” (*De pé, na esquina, esperando o bonde*, página 377).

É este escritor, que surge de dentro do leitor Gil Messias, que nos encanta. Por isto mesmo, roubei a expressão de William Costa, quando da sua apresentação do seu livro, *O redator de obituários: crônicas, artigos e talvez ensaios* (João Pessoa: Ideia, 2022), para dela fazer o título do meu texto. Encontro-me, portanto, “sob o cálamo de Gil Messias”, na tripla significação que a palavra pode ter, a do pergaminho, a da pena rústica que corre sobre o pergaminho, e a da flauta. Gil escreve à moda antiga, com apuro, paciência, escolhendo o vocábulo, pontuando a frase com a harmonia certa, de modo suave, como quem toca uma frauta ruda ou doce avena. Os ecos dos bons escritores lidos parecem ecoar em seus ouvidos e as crônicas e ensaios surgem com uma fluência tal que, aos desavisados, poderia parecer fácil o ato de escrever com simplicidade.

Por outro lado, estou plenamente convencido de que o lugar da crônica é o livro impresso. O jornal e o *blog* representam apenas o momen-

to da sua apresentação, às vezes, por conta do efêmero que ali se encontra como assunto. Magicamente, porém, ao deixar o meio eletrônico do *blog* ou da página impressa do jornal, a crônica revela a sua perpetuidade, ao mesmo tempo que revela o quão efêmero mesmo é o jornal. Dificilmente alguém retorna ao jornal, mesmo passados alguns dias apenas de sua publicação. Ao livro, retornamos sempre, desde que ele nos comova, que ele exerça o papel que cabe à criação, sacudindo e embaralhando as nossas emoções, função da estesia. O meio eletrônico, por mais que esteja mais à mão do que o jornal ou do que o livro, ele não é tão convidativo quanto este artefato milenar, manuscrito ou impresso, que, para o bem e para o mal, mudou a história da civilização, assim como disse o arqui-diácono de Paris, Claude Frollo, a Jacques Coictier, médico do rei de França, Louis XI, ao lhe mostrar, em sua cela, em Notre-Dame, um livro impresso e considerá-lo em relação à majestosa catedral: “Le livre tuera l’édifice” (“O livro matará o edifício”. Hugo, *Notre-Dame de Paris*).

Os ecos dos bons escritores lidos parecem ecoar em seus ouvidos e as crônicas e ensaios surgem com uma fluência tal que, aos desavisados, poderia parecer fácil o ato de escrever com simplicidade

Sem querer destruir Igreja alguma, mas tendo opiniões fortes, firmes e com fina ironia sobre a doutrinação que cega e faz o doutrinado ter uma certeza inabalável sobre o que lhe foi incutido na mente, Gil Messias escreve crônica, artigos e ensaios, sim, com uma leveza homóloga ao seu perfil de homem fino, culto, educado, reservado, mas com a rijeza moral e intelectual incomum, sobretudo nos nossos dias de exposição frequente nas redes sociais, quando montanhas vivem alardeando os ratos que parem. O seu livro nos encanta para além dos seus textos: capa, desenho, título, diagramação, tudo é harmônico e convida a dar vida e sobriedade às suas crônicas e ensaios, quando bem tratados e transformados em volume (Aproveito a ocasião e parabenezo a editora Ideia pela beleza plástica do volume. Trabalho que

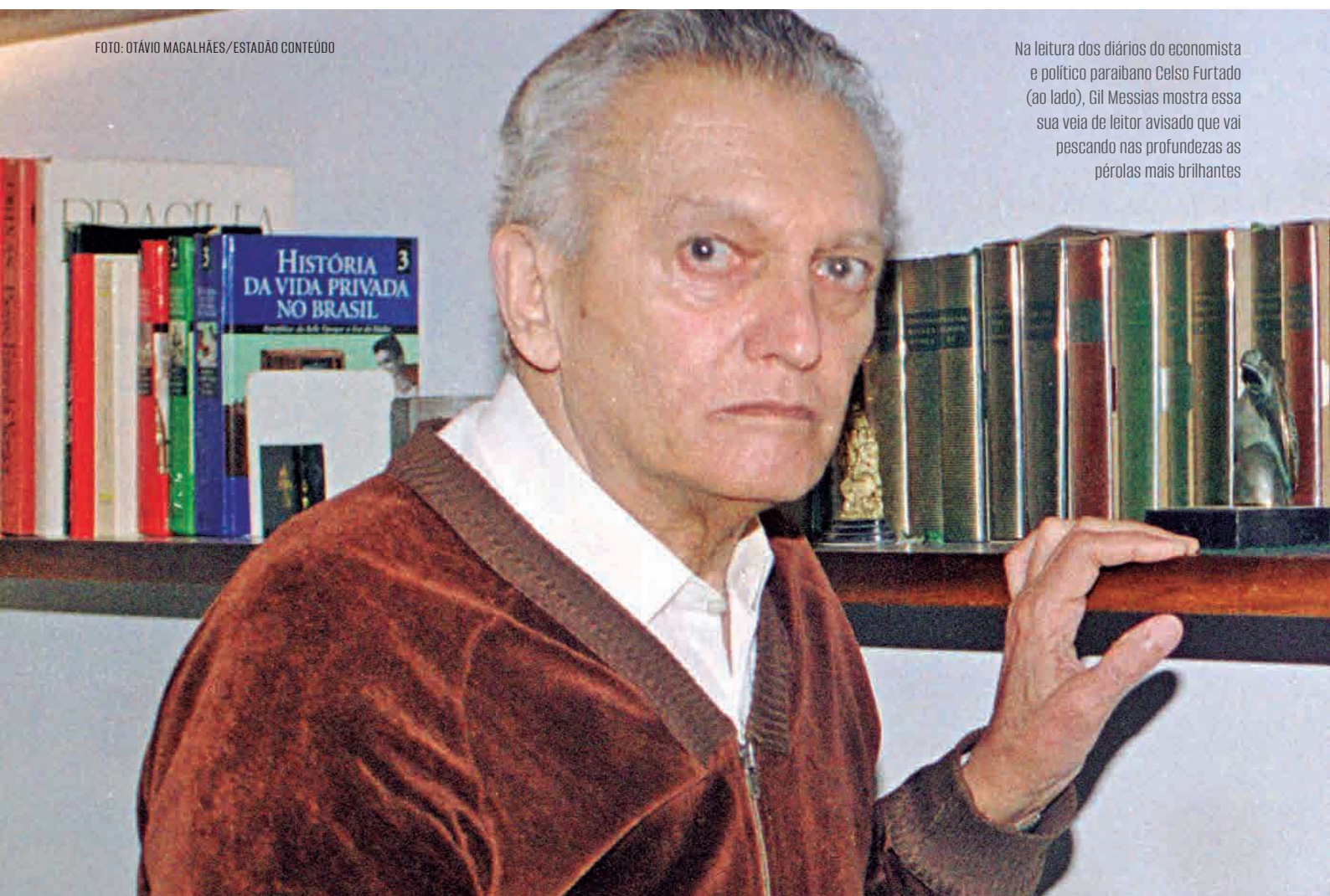
não fica nada a dever às grandes editoras, que comandam o nosso mercado editorial. Livro bonito, bem-feito e bem acabado, produzido com o propósito de, internamente, parecer com as antigas brochuras).

O ensaísta se revela em muitas ocasiões, sobretudo ao falar da morte, seja a de Stephan Zweig e da mulher, seja a visita a seu túmulo, seja a de Machado de Assis. É, sobretudo, nos dois ensaios sobre Machado de Assis, que Gil Messias revela o leitor que reflete e escreve com elegância o resultado de suas leituras, fazendo considerações sóbrias e apropriadas, harmonizadas com uma visão equilibrada, mas que não rouba do leitor, com quem permanentemente dialoga, a pungência do seu pensamento. É só ler o ensaio sobre o livro *Vingança, não*. Ensaia ainda, aqui e acolá, uma análise poética sobre Lêdo Ivo, Adélia Prado, Affonso Roma-

no de Sant'Anna, Drummond; uma comparação como a de Camus com Daoud; perfis como o de Afonso Arinos, Gilberto Freyre, Juarez da Gama Batista, sem nunca perder o prumo do cálcamo e do estilo.

Outro fator de encantamento, que me levou a uma leitura continuada do livro, é que Gil Messias escreve, não para alcançar, reivindicar ou reclamar a glória de ser escritor ou por não ter sido assim reconhecido como esperava. Escreve por amor às leituras que fez, sem açodamento, com espírito calmo e equilibrado, apegando-se ao que ficará mais do que algumas linhas escritas ou impressas: o sabor e o saber que seu espírito conseguiu destilar dos escritores que lhe são caros. Na leitura dos diários de Celso Furtado, por exemplo, Gil mostra essa sua veia de leitor avisado que vai pescando nas profundezas as pérolas mais

FOTO: OTÁVIO MAGALHÃES/ESTADÃO CONTEÚDO



Na leitura dos diários do economista e político paraibano Celso Furtado (ao lado), Gil Messias mostra essa sua veia de leitor avisado que vai pescando nas profundezas as pérolas mais brilhantes

brilhantes, tecendo os comentários cabíveis ou não os tecendo, carimbando um “sem comentários”, que já é por si só um excelente comentário, como ao referir-se ao que diz o economista do saber de experiências feito:

“Seria totalmente impossível realizar uma reforma administrativa do tipo da que pretendemos se as decisões últimas dependessem dos homens públicos do Nordeste” (*Sobre os “Diários” de Celso Furtado*, página 235).

Afinal de contas, “o verdadeiro desenvolvimento se traduz em investimento no homem” (idem, página 239). Ao garimpar preciosidades como essas, Gil nos faz perceber o quão pobres nós somos, por aceitarmos e ainda reverenciarmos o jugo de políticos que têm a esmola ou a migalha jogada ao pobre como grande feito...

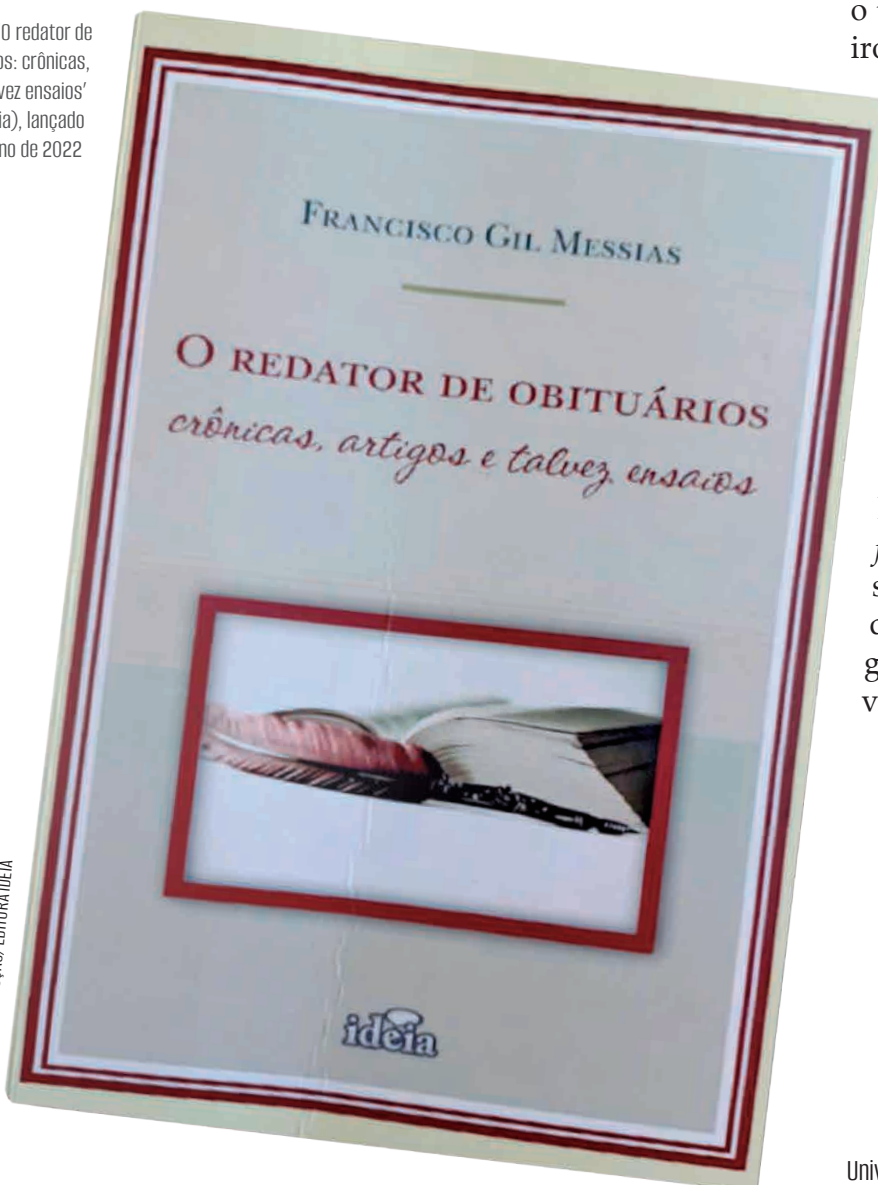
Redator de obituários é o título de uma de suas crônicas, referindo-se à inusitada profissão de obituarista, a partir de um texto de Gay Talese, sobre um profissional dessa área, pertencente ao *The New York Times*. Como título, no

entanto, é um achado literário, tendo em vista que tem vida própria, ainda que Gil Messias não escrevesse sobre a morte de algumas pessoas ou se a profissão não existisse. É uma ficção pronta, por pensarmos que existem pessoas que antecipam, ao menos no papel, a morte de outras, fazendo disso a sua profissão, de modo apenas a ter uma matéria à mão, que concorra com a imprevisibilidade da “Iniludível” ou da “Indesejada das gentes”, tantas vezes citada por Gil Messias. Há ficção maior do que essa realidade em que se ganha a vida antecipando-se a morte? Gil Messias, na sua sensibilidade de leitor que, repito, esconde um escritor ficcionista, tira daí o título de um belo livro, que, ironicamente, é uma grande celebração da vida e da beleza que a alimenta, traduzida no amor à literatura e à cultura.

Se a contrapelo de Pitágoras e de Plutarco, que valorizavam o silêncio e a escuta, “estamos todos nos transformando em máquinas de falar. [...] no mais das vezes, sem ter nada relevante a dizer” (*Falar por falar*, página 145), Gil Messias nos dá a grande lição de que, na sua mansidão e fina gentileza, tem muito de relevante a nos anunciar.

Capa de ‘O redator de obituários: crônicas, artigos e talvez ensaios’ (editora Ideia), lançado no ano de 2022

IMAGEM: REPRODUÇÃO/ EDITORA IDEIA



Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), crítico literário e escritor. Mora em João Pessoa (PB).

Rasgar-se, mas costurar-se e, então, ser útil novamente

Auricélio Soares Fernandes
Especial para o *Correio das Artes*

Talvez esses três vocábulos verbais no título acima possam introduzir o leitor na obra lírica inicial de Egberto Vital, amigo das letras há mais de uma década. *Rasgos Poéticos* (editora Arribaça, 2023), epigraficamente já antecipa as belas metáforas de Guimarães Rosa, pois, concordo que “Viver é um rasgar-se e remendar-se”, como bem é perceptível no livro.

Escritor Egberto Vital com os seus 'Rasgos Poéticos', publicado pela editora Arribaça



Rasgamo-nos para poder dar lugar à ferida que, em breve, será eternizada (ou não) numa cicatriz (que é a marca de uma cura, às vezes com linha invisível). Penso que há beleza no rasgo, mesmo se originando de um ato tão dolorido. E qual é a utilidade disso e da poesia? Eternizar as palavras que merecem ser ouvidas.

Dizem que a poesia é inútil se tentarmos explicá-la. Concordo. Explicar um poema é como matá-lo. Hilda Hilst estava certa. Penso que a poesia e a pintura são as artes que mais materializam a subjetividade. Então, aqui, atento-me apenas a expor minha visão do li, senti e compreendi diante de todos os poemas do *Rasgos*.

A lírica de Egberto Vital é contemporânea, não causa estranhamento a leitor jovem ou aquele mais *cringes*, aqueles nascidos nos anos 1980 e em retrospecto. Mas nem por isso deixa de ser inovador. Sua voz é única, original e muitos poemas revelam uma preocupação meio baumaniana com questões do *right here, right now*, do aqui, agora. Para mim, a poesia ainda é, mesmo em tempos tão líquidos (ou gasosos, pois desaparecem ainda mais rapidamente, diria) aquilo que penetra da alma de quem a aprecia e chama a atenção para o tema, parafraseando Edgar Allan Poe, em *A filosofia da composição*. Penso que o poeta tem a obrigação de brincar com as palavras e fazê-las ter sentidos plurais, e principalmente “plurissentimentos”. É nesse sentido que eu incluiria *Rasgos Poéticos*.

Poderia dividir o livro em três eixos maiores que, separados por estilo e tema, se adequariam à ideia que tive quando o li pela segunda vez. Há os poemas do hoje, os da imagem e do ofício do poeta

e os poemas de homenagem. Mas todos não se resumem a um mero tópico. Parece que se transmutam e, como num processo meio kafkaniano, se metamorfoseiam.

Nos poemas do hoje, são visíveis a melancolia e a solidão causadas pela pandemia e pelo excesso de informações. Nessa parte, o cuidado com os neologismos, estrangeirismos, não sei se como crítica ou deboche, é bem pensado e belo de se ler. Os primeiros poemas desvelam essa imagem através de vocábulos interessantes como *photopedagógico* e *googlemeeta(r)*, explorados no poema de abertura. Em *Poemeeting*, segundo poema da obra, a vida real, aquela fora da performatividade e da artificialidade das redes sociais, e a ‘vida de verdade’ são questionadas em seis versos em forma de diálogos, que imitam um simples comentário. Há também o poema verbo-visual *Haikai pandêmico*, em que a metáfora da máscara, usada por muitos na época da pandemia, pode revelar tanto. Tem gente que é poesia, mas a máscara impedia de ler ou ver o sorriso. Nesses moldes apreciei o livro.

E-pitáfios, choro virtual, e-flowers, post post mortem, e-corpos, e-terrados e cemitérios

virtuais, como no poema *Post mortem*, trabalham semântica e magistralmente termos que poderiam ser utilizados por aqueles que passeiam pelos *apps* de *social networks*. Aqui, o uso excessivo de adjetivos populares em redes sociais e os termos em inglês, propositalmente não traduzidos, exploram o uso cansativo de anglofonismos que tantos ainda veem como *status*.

Os versos “Conta seu *story* / Conta tudo em 15s / Em 24 horas isso diluí”, “/ que se dilui no cristal líquido / Enquanto a gente se liquidifica”, metalinguisticamente explicitam a liquidez e artificialidade das relações internéticas, bem como quando o visual / o símbolo / o ícone dá lugar ao lugar através de “*new emoticons*, quando não se tem o que digitar”, como em “Vamo\$ trocar *like*\$”. Na mesma seara, incluo *Paráfrase remota* que explora, de forma melancólica, no sentido negativo da palavra, a solidão e o “frio” diante da tela do Google Classroom e outros aplicativos de vídeos e *meets*, quando muitos professores, como eu, foram obrigados a falar para ninguém, ou quase ninguém. Ao fim da leitura, pensei: O que será do futuro? O tema do poema em questão, a meu ver, dialoga diretamente com ou-

**Há os poemas do hoje, os da
imagem e do ofício do poeta
e os poemas de homenagem.
Mas todos não se resumem a
um mero tópico. Parece que
se transmutam e, como num
processo meio kafkaniano,
se metamorfoseiam**

tro, *Sci-fi*, que me fez questionar ainda mais a esperança de tempos vindouros, pois, como reflete o poeta, “Nos resta a espera / De um *plot twist*”.

O peso da violência nossa de cada dia, expresso em *Mancha(adas)etes*, deixou-me pensativo e refletindo no silêncio e no desprezo que as autoridades tratam pobres, pretos, pessoas à margem da sociedade, minorias. Nada se faz, “as bocas rotas caladas” são, de fato, “invisibilizadas”. Vejo tal semelhança estética e temática noutro poema, *Disparo*. Sem citar *Confusão emocional*, que considero o poema mais sensível desses poemas do hoje. A não compreensão dos discursos proferidos em redes sociais é a mensagem exposta no poema. Mas vai além disso: a poeticida-

de jaz no sentido das palavras e das imagens que os versos destacam. A beleza da moça era cinematográfica como belezas inocentes. O poeta vê a beleza e se encanta, deixa que o referente saiba de sua admiração, ela, porém. *Confusão emocional*, é, de fato, um poema poli-plurimultisemiótico, como os prefixos já anunciam. Às vezes a beleza (e os sentimentos) não se materializa(m) em palavras, só em imagens ou no silêncio. Nessa “Confusão”, Ele era poeta, Ela, um poema.

Nos poemas de homenagem, nos quais o elemento de dedicatória (muitas vezes) é explícito. O foto-poema-metalinguístico *Free Britney*, com parte do título da canção “Piece of me”, de Britney Spears, mostra-nos uma imagem da

cantora estadunidense, provavelmente em 2007, em sua fase mais vulnerável, quando teve um surto e atacou repórteres, seguindo para a sua tutela polêmica de mais de anos. No foto-poema há trechos/pedaços da canção de Britney, que literalmente podem ser rasgados. Mas (a pessoa) Britney Spears não foi “costurada” novamente, virou piada nas redes sociais e produto do que a mídia fez com ela.

Nesses poemas de homenagem também se insere “Back to black”, título de umas das canções mais populares da cantora Amy Winehouse. O poema é uma ode à decadência e à figura de Winehouse. Bem como em *Free Britney*, os versos expressam uma crítica à desumanidade da mídia, que enterra artistas ainda em vida.

Há ainda *O que te trava?*, poema-paródia-homenagem à artista Linn da Quebrada. O tom do poema, semioticamente com letras “quebradas” ao meio, também exploram em poucas palavras o tom militante e diria, uma outra ode à transgressão da artista. E, particularmente, em *Para dizer adeus*, um dos quais as metáforas são mais magistralmente trabalhadas, a partir da dedicatória do poeta às suas avós, uma melancolia, mas com esperança ou talvez uma linda idealização da superação da dor do luto daqueles entes que amamos e sempre estarão em nossas memórias, assim como acontece no poema *Mel*.

Em *Impublicáveis* e *Dionírico*, outra ode, mas em tom magistral de eroticidade. As linhas exploram a sugestão e o ato sexual, mas principalmente o desejo, as sensações que permeiam o corpo ao sentir os prazeres, múltiplos, do sexo.

TAKE A PIECE OF ME!

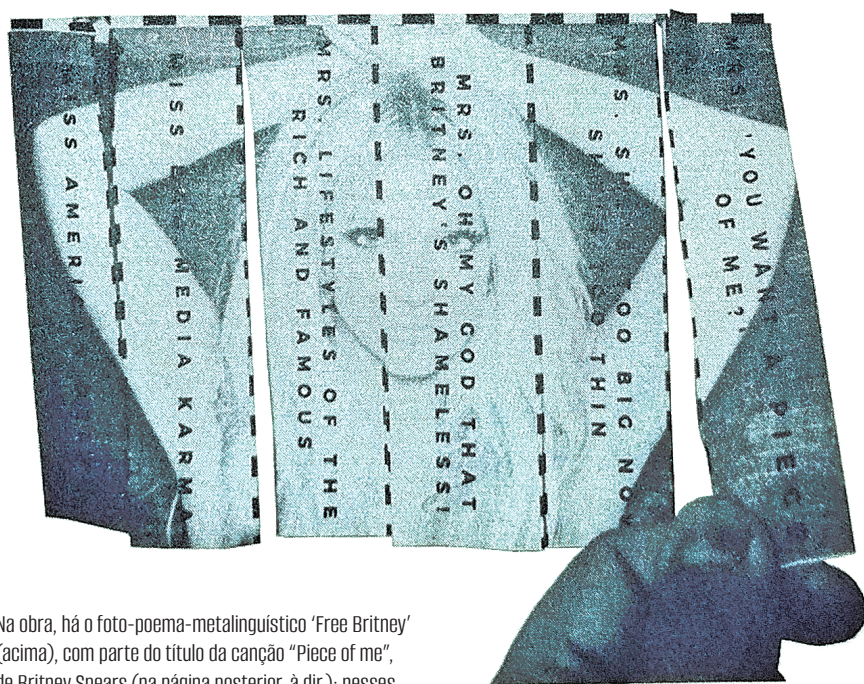


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Na obra, há o foto-poema-metalinguístico ‘Free Britney’ (acima), com parte do título da canção “Piece of me”, de Britney Spears (na página posterior, à dir.); nesses poemas de homenagem também se insere “Back to black”, título de umas das canções mais populares da cantora Amy Winehouse (na página posterior, à esq.)

Finalmente, considero os poemas mais bonitos e sensíveis do livro, os que carregam uma aura existencial em seus versos. Como intitulei anteriormente: os poemas da imagem e do ofício do poeta. *Parcialmente nublado* e *Solilóquio para despertar* são um encontro do poeta, que percebe a si e sua própria voz, aquele que se vê num caminho a trilhar e que, na fuga, se encontra.

O medo nos faz crianças e *Nas cinzas das horas*, nestes há um quê de reflexão ou, diria, uma percepção sobre o que o Poeta sente, vê. *Insomnis* também se adequaria à essa visão, como uma (auto)reflexão sobre os pensamentos que nos fogem da imaginação poética

de dia, mas rondam a cabeça e as ideias à noite.

Adicionaria ainda uma quarta categoria a qual denomino de poemas do entre-meio, em que os versos expressam temas e perspectivas diversos, como em *Despedida*. A beleza simples do admirar e de ver poesia no cotidiano é bem expressada nos versos. A ambiguidade reina em *Aquelles dois*. Quais dois? O riso de um, o choro de outro, poderia resumir esses versos que se encaminham para uma narrativa de amor e sofrimento ou alegria? Quem sou eu para criar essa fanfic? A deixo para o poeta (ou para outros leitores). Noutro, nesse poema-manifesto, *Modificar-se* institui os multisentidos do termo moda. Que coisas boas, mas hoje não tão apreciadas, virem moda novamente. Que a poesia, como era no século 19, uma arte tão admirada e superior, volte a virar moda.

Não gosto de clichês, mas “fechando” com chave de ouro, o poema que mais me admirei, talvez por uma autoidentificação, foi o último, sem título, o que acho um erro, mas repito e concordo que não é preciso de nome para algo ser belo. Vejo que estes últimos versos como um pensamento do poeta diante do universo complexo que o circunda, os medos diante da autoria, a dúvida diante de ser dono do que escreve, das palavras. E

como o poeta em si explicita nos versos “Deus é tão menino quanto eu”. E, por esses e outros versos, aqui brevemente citados, que espero e desejo que Egberto Vital possa “continuar brincando de ser poeta” num segundo livro, ou terceiro... que curem esses *Rasgos* e nos mostre(m) as cicatrizes.

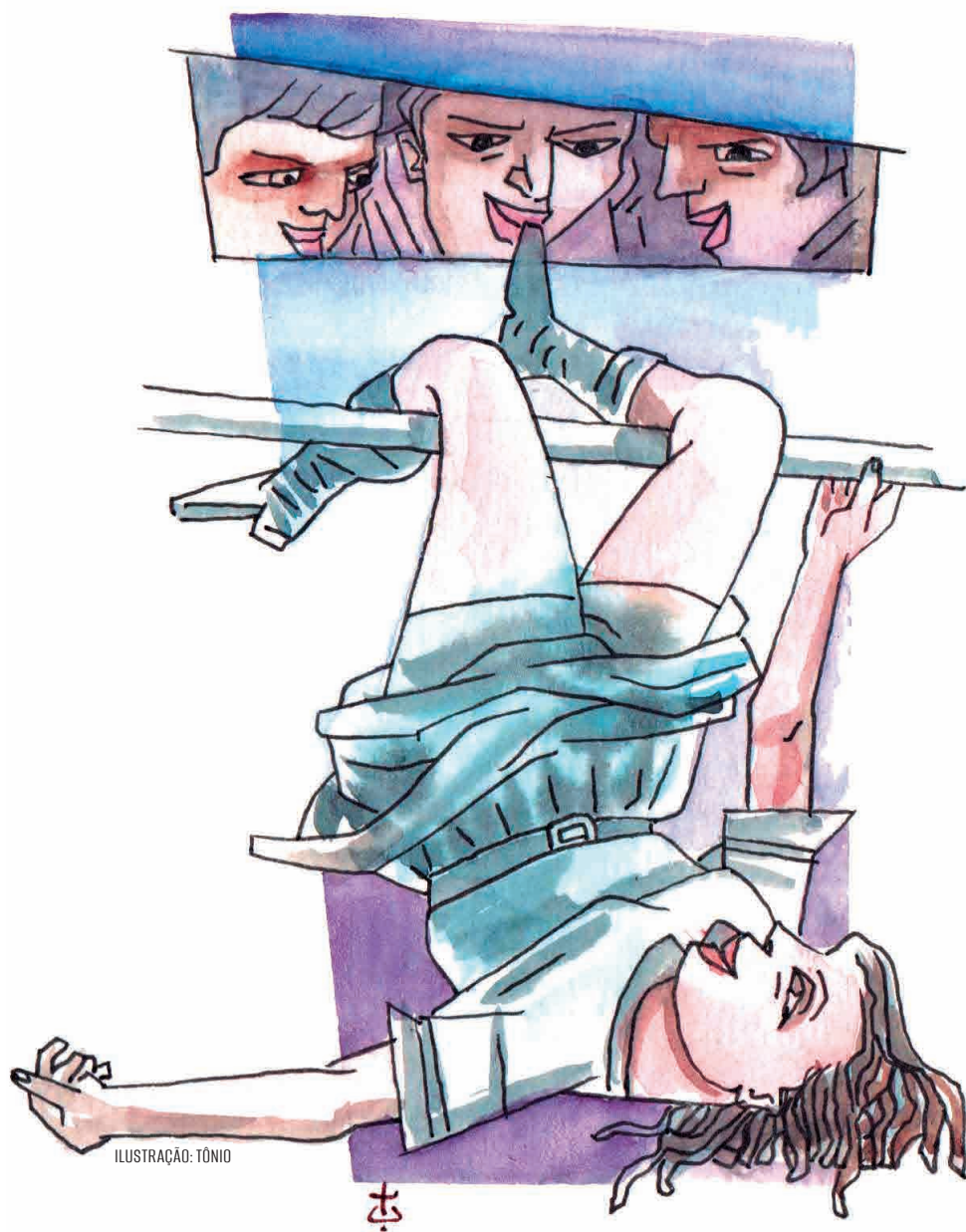
Auricélio Soares Fernandes é doutor em Letras pela UFPB e atua como professor de Língua e Literaturas de Língua Inglesa no curso de Letras da UEPB, Campus III, e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB).



FOTO: KEINY ANDRADE/ESTADÃO CONTEÚDO



FOTO: FABIO MOTTA/ESTADÃO CONTEÚDO



Quando elas chegaram naquela escola, já sabiam o que iriam enfrentar. Estavam prontas. Chegaram de mãos dadas e de narizes empinados. Roberta, segurando sua mochila, verde como as contas dos seus *dreads*, era quem mais se esforçava para manter a pose. Natália, de cabelos curtos escuros, coturnos e recente *sidecut*, chegava com a aura firme de quem tinha o completo apoio familiar para o seu comportamento, algo difícil de ser entendido pelas outras crianças. A diretora convocou os pais dela para ter certeza que apoiavam o que ela fazia diariamente no banheiro. E aquela mulher, que se considerava uma pessoa de mente aberta, acabou ficando envergonhada com sua posição contrária à deles quanto às atitudes de Natália, especialmente depois do ocorrido na sexta-feira.

Não foi a primeira vez na história daquela escola de bairro que uma menina foi assediada por rapazes mais velhos. Mas nunca daquele jeito. Ricardo e seu grupo, como eram chamados, trancaram a porta quando Natália entrou no banheiro. Três deles ficaram juntos, na parte de dentro, e dois deles ficaram na porta, para avisar caso alguém chegasse. Foi depois do alarme que liberava os estudantes das obrigações escolares tocar. Não havia tantos alunos na escola e eles sabiam que às 12 horas e 13 minutos encontrariam a esquisita no banheiro. Natália chamou por Karla, por Camila, por Roberta. Gritou e disse que eles iriam ver só. Infelizmente, o local ficava distante dos corredores que levavam da sala à porta de saída, de maneira que ninguém a ouviu. Eles viram a barra de ferro que Natália usava para se apoiar nesse horário, obrigaram a menina a ficar lá e trouxeram o balde de sangue. O número de rapazes foi estratégico: dois

Sangue de cabra

Mylena Queiroz

Especial para o *Correio das Artes*

segurariam a infeliz, enquanto um deles iria fazer com que ela bebesse o sangue de cabra. Bicho que eles pegaram na fazenda do avô de um deles, enterraram no mato e fingiram que foi ato de um desconhecido.

Eles ensaiaram com cuidado aquele momento e conversaram sobre ele nos dias anteriores. Ricardo fez o que chamou de Operação Sangue de Cabra, com imagens e textos, motivando os parceiros a se juntarem. Ele comprou em um site uma camisa estampada do Papa Urbano Segundo com *Deus Vult* escrito e esperou um bom tempo até que chegasse. Ele sentia que deveria estar adequadamente vestido naquele dia em que entraria para a história das cruzadas contemporâneas, esperando que aqueles que admirava nos fóruns sobre o assunto pudessem admirá-lo também.

Natália se recusou a beber aquele líquido embolado, grosseiro e que cheirava mal. Ela se moveu. Tentou se livrar dos rapazes pisando nos pés deles, movimentando o corpo com toda força, girando o tronco e os braços para se soltar rapidamente, mas depois notou que não teria saídas. Eles a chamavam de aberração, de criatura nojenta, de filha do cabrunco, isso enquanto gravavam o futuro viral. Perguntaram repetidas vezes *onde está sua namoradinha para lhe salvar?*

Quando os outros estudantes receberam a notificação de que a página *Natália bebendo sangue de cabra* os seguia, logo fizeram o único vídeo da página no Instagram circular pelo WhatsApp e pelo TikTok, estarrecidos e vidrados. Presa pelos rapazes, nas imagens em sequência, ela cuspiu seguidas vezes, até que não conseguia mais relutar e aparecia de fato bebendo aquele sangue. Era possível ouvir o *glut glut* enquanto ela se contorcía

por inteiro. Estremecia desordenadamente, como quando se recebe uma entidade no corpo pela primeira vez. Em breve, toda a cidade assistiria a *Natália bebendo sangue de cabra*, título e legenda do vídeo e das fotos. Seus pais receberiam. Também a sua sogra, que já havia dito à filha que passarinho que anda com morcego acorda de cabeça pra baixo. Após os *gluts gluts*, Natália colocou o sangue para fora.

Roberta chorou quando assistiu, e logo pediu desculpas por ter saído antes das 12 horas e 13 minutos da escola, mesmo que ela precisasse estar em casa sempre antes disso por causa de sua mãe. Os pais de Natália procuraram um advogado para tomar as medidas por *bullying* e *cyberbullying*. Disseram que a mudariam de escola, mas Natália não quis. Ela disse que a escola inteira deveria aceitá-la como ela é, e que os rapazes deveriam ser no mínimo suspensos. Era mais fácil para ela, que não precisava se esconder, do que para outras crianças que viviam da mesma maneira, mas que não tinham o apoio da família. Logo, ela decidiu que tiraria o final de semana para se recuperar, mas que na segunda-feira voltaria à escola de cabeça erguida. Seu pai, que na juventude foi um desses rapazes valentões, assim como os do bando de Ricardo, discordava. Sabia muito bem como podiam agir com uma menina, especialmente uma como ela.

Na segunda-feira, o pai de Natália passou na casa de Roberta para levá-las à escola, mesmo a contragosto. A mãe de Roberta acenou com a cara azeda de quem reprova que sua filha esteja com Natália pra cima e pra baixo. Depois daquela silenciosa e curta viagem, chegaram. Ele as

A diretora olhou com cara de quem quer apoiar a diversidade por uma motivação social, mas de quem não estava com nenhuma vontade de ter que lidar com aquela situação

deixou na porta de entrada, deu um beijo na testa da filha e um abraço na nora, como se fossem passar pelo inferno.

Elas entraram de mãos dadas. A diretora olhou com cara de quem quer apoiar a diversidade por uma motivação social, mas de quem não estava com nenhuma vontade de ter que lidar com aquela situação. Apesar das aulas de Pedagogia e Inclusão, preferia que aquilo ocorresse em outro bairro, em outra rua, em outra escola. Nem mesmo sabia porque era diretora. Então, as meninas entraram. Um das três outras aplaudiram pela coragem. Os rapazes não estavam na escola, elas ainda não sabiam exatamente o que havia acontecido com eles. Outros brincaram que Sangue de Cabra fez um feitiço e que eles devem ter desaparecido. Apesar de ouvir piadinhas em cochichos sobre o vídeo, Natália lidou normalmente com o dia letivo.

Depois de finalizadas as atividades, ambas vão para o banheiro. Dessa vez, Roberta fica de segurança na porta, enquanto Natália, às 12 horas e 13 minutos, se pendura de cabeça para baixo na barra do banheiro, menina-morcego que é.

Mylena Queiroz nasceu e cresceu no Agreste pernambucano. É professora de Teoria Literária na UECE e doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Por um mundo utópico aplicado ao bem-estar

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

A canção “Quem nos dera” é originalmente um poema que a cantora e compositora niteroiense Zélia Duncan escreveu, sendo musicado pelo carioca Leoni. A música fala sobre uma saída para toda a brutalidade e a energia ruim que temos vivido, ao buscar uma maneira de singeleza. O *single* de Leoni (com *feat* de Duncan) foi lançado em novembro de 2024.

IMAGEM: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Canção partiu de um poema da cantora e compositora Zélia Duncan (acima), sendo musicado por Leoni (ao lado)

“Quem nos dera”

Leoni / Zélia Duncan

Quem nos dera
A vida fosse apenas mais um dia
Num calendário de alegrias plenas
Dessas que a alma se arrepia

Quem nos dera
A chuva fina, fios de algodão
Macios passos, laços, doces cenas
Pra comover o coração
Tantos sonhos,
Companhias pra solidão
Que sempre vem dizer bom dia
Me despeço, noite fria
Me aqueço na canção
Que veio me abraçar

Quem nos dera
Que tudo fosse assim de coração
Te oferecia o meu amor perfeito
Pedia em troca inspiração

Tantos sonhos,
Companhia pra solidão
Que sempre vem dizer bom dia
Me despeço, noite fria
Me aqueço na canção
Que veio me abraçar
Fantasia
Me visto, invento o bloco na avenida
Meu dia é hoje, a vida é todo dia
Num calendário de alegrias
Num calendário de alegrias



IMAGEM: REPRODUÇÃO/OUTRO FUTURO

Capa do 'single',
lançado em 2024;
música fala sobre
uma saída para
toda a brutalidade
e a energia ruim
que temos vivido

Compreensão da música

A canção retrata um mundo utópico aplicado ao sentido de bem-estar, com a possibilidade de mais um dia no nosso cotidiano ao causar bons fluidos (pequenas coisas que somadas fazem bem à alma). Exemplo: “Quem nos dera / A vida fosse apenas mais um dia / Num calendário de alegrias plenas / Dessas que a alma se arrepia”.

Na sequência, a possibilidade da chuva se tornar apenas uma garoa, tão delicada a ponto de ser metaforizada em “fios de algodão”. Depois, a leveza associada em pequenos gestos serve de acalanto ao âmago. O inconsciente como um preenchimento no momento diário, de forma matutina, traduzindo o ato de dispersão no intuito de confortar o frio da noite na canção que veio envolver o eu lírico (a canção serve para aquecer e cingir). Exemplo: “Quem nos dera / A chuva fina, fios de algodão / Macios passos, laços, doces cenas / Pra comover o coração / Muitos sonhos, / Companhias pra solidão / Que sempre vem dizer bom dia / Me despeço, noite fria / Me aqueço na canção que veio me abraçar”.

Em seguida, é citada a possibilidade de tudo ser feito a partir de atos positivos, ou seja, oferecer o “amor perfeito”, mesmo que seja em troca de pouco com algo que nasça do coração. O amor perfeito é algo que o eu lírico criou em troca de um legado, uma transformação. Exemplo: “Quem nos dera / Que tudo fosse assim de coração / Te oferecia o meu amor perfeito / Pedia em troca inspiração”.

No fim, a fantasia criada pelo eu lírico é associada ao Carnaval, em forma de um evento que ele faz questão de viver no presente e eterniza em felicidade. Exemplo: “Fantasia / Me visto, invento o bloco na avenida / Meu dia é hoje, a vida é todo dia / Num calendário de alegrias / Num calendário de alegrias”.

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

As Vísceras da Noite

*Nos becos esquecidos,
a dor se revela,
um lamento distante,
um fio de vida,
as vísceras da noite como
uma aquarela, retratam
os sonhos, a esperança perdida.*

*Quando o relógio marca
a hora fatídica,
as luzes se apagam,
e a cidade respira,
na escuridão densa,
a vida é mítica.*

*Mesmo na dor,
há amor profundo,
que floresce nas sombras,
em gestos altivos.*

*Nas vísceras da noite,
a vida pulsa,
em cada lágrima caída,
em cada sorriso, no escuro,
a noite com suas vísceras
é um eterno aviso!*



Do vestido

*Lavarei teu vestido novo,
colocarei para secar
nos varais do coração
e da noite insone.*

*Quando a chuva cair
e as espigas
ficarem maduras
teus olhos
não mais ficarão úmidos,
a tristeza terá indo embora.*

*Pelos caminhos iremos,
uma estrela brilhará
na cor dos teus olhos
e contigo cantarei
uma melodia
de corpo e volúpia
no êxtase de viver!*

Ruína

Para o poeta José Carlos de Souza

*um cavalo galopa
na divisa da ira e da morte
e no esplendor das ruínas.*

*o látigo de punhais de vento
marcava a pele
nua das dores,
enchia a taça de sangue
nas cepas silenciosas da aurora.*

*a caligrafia das veias
escrevia na mortalha,
os fios vazios dos sonhos
e na sombra da noite
a voz partida dos homens!*



A casa

Para o amigo Humberto de Almeida

*Tenho uma casa
morando dentro de mim.*

*a casa que me habita
posso ouvir o chiado
das sandálias de minha mãe
na camarinha
ensinando-me novos caminhos.*

*a casa que me habita
sinto o perfume das flores
que ela me ensinou a comer.*

*a casa que me habita
tem as marcas do tempo
e a infância aprisionada
na sua alvenaria.*

*Tenho uma casa
morando dentro de mim.*

*a casa que me habita
tem um pássaro
que canta esquecido de si mesmo.*

Compasso

*A calma do vento
na curva dos campos,
repousam as folhas
do amanhecer.*

*Plácidas águas teem
o compasso de um violino
e a graça de um cisne.*

*Uma música dança na tempestade
suavizando a brisa
e o vendaval.*

*No sussurro de um violino,
a melodia furiosa,
oscila entre os contrapontos
da existência e a doçura do tempo.*

Irani Medeiros é poeta, escritor, filósofo e pesquisador da cultura popular. Nasceu no município de Pombal, no Sertão paraibano e, desde 1985, reside em João Pessoa (PB).





Traduzindo

Hildeberto Barbosa Filho

Sempre acompanhei a produção poética de Hildeberto Barbosa Filho. Pois um livro que havia me escapado foi esse *Dançar com facas* (Mondrongo, 2016), de oito anos atrás. Suponho que a pandemia tenha concorrido para essa lacuna.

Na primeira leitura, pensei em anotar minha reação a esse belo e instigante livro com um ensaio crítico, ideia imediatamente substituída pelo súbito e irresistível desejo de traduzi-lo para a língua inglesa.

Por enquanto, desse desejo saíram estas três traduções, de três de seus poemas da coletânea, que aqui submeto ao leitor do *Correio das Artes*.

Como é sabido por quem labuta no métier, é comum que, no processo tradutório, ocorram perdas de sentido ou de efeito, sobretudo quando se trata de linguagem poética. Menos comum é que ocorram ganhos.

Aqui chamo a atenção para algumas questões particulares que podem interessar ao leitor anglófono.

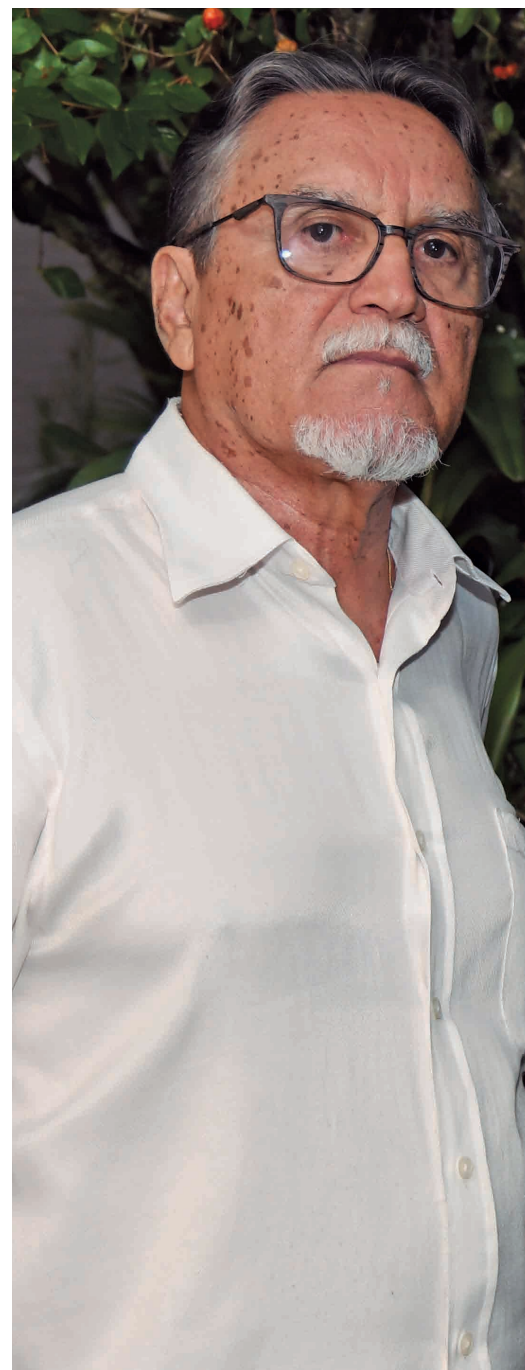
Em *Biografia* a expressão “era uma vez” ficou inevitavelmente mais longa (“*once upon a time there was*”), coisa rara, já que, no geral, o inglês é uma língua menos prolixa que o português. Nos versos finais, operei uma pe-

quena mudança ao sugerir que o “*melancholic and useless*” pudesse também se referir ao eu lírico, e não apenas à chuva, como ocorre no original. Ajudou-me o fato de que em inglês adjetivo (“*melancólica*”) não tem gênero.

Em *Plano de aula*, o início do segundo verso (“Quando tangível”) foi mudado para “*If tangible*” (/Se tangível/), mais viável em língua inglesa. Na estrofe seguinte, mudei a expressão “tem clareza” para “*is clear*”, já que um /*has clarity*/ soaria estranho em inglês, e espero não ter causado grande prejuízo.

Em *Dançar com facas*, preferi não traduzir o termo “bailarinos” literalmente (em inglês: *dancers*) e introduzi o termo “*jugglers*” (/malabaristas/). Acho que não feri o campo semântico da /dança/ e evitei a desnecessária repetição sonora de /*dancing with dancers*/. Mantive o termo “tablado”, já que a palavra existe em língua inglesa. Lamento ter perdido (!) o efeito da repetição do adjetivo nos versos “como uma bala perdida / o perdido coração”. Ocorre que a expressão em inglês é “*a stray bullet*” e não /*a lost bullet*/. Uma pena. Com relação ao verso que se inicia com a expressão “Que insólita dança...” julguei que, em inglês, ficaria melhor a inexistência do negativo “não”.

No processo tradutório, é comum que ocorram perdas de sentido ou de efeito, sobretudo quando se trata de uma linguagem poética



Biografia

*Era uma vez hbf.
Da comarca para o mundo
sem qualquer geografia.*

*(a lista dos seus mortos
é maior que a dos seus vivos);*

*Árvore, plantou nenhuma,
mas colheu filhas e filhos.*

*Quanto aos livros,
a única viagem.*

*Era uma vez hbf.
Anônimo, silente, animal.*

*Faleceu de repente,
numa dessas tardes de chuva,
melancólica e inútil.*

Biography

*Once upon a time there was hbf.
From the county to the world
with no geography.*

*(The list of his dead
is bigger than that of his living).*

*Tree, he planted none,
but harvested daughters and sons.*

*As to books,
his only journey.*

*Once upon a time there was hbf.
anonymous, silent, animal.*

*He died of sudden death
in one of these rainy afternoons,
melancholic and useless...*

FOTO: JOÃO PEDROSA

Plano de aula

*Conteúdo:
Objetos intangíveis.*

*Quando tangíveis, oblíquos,
esféricos, obscuros, avessos,
invisíveis*

*(quando a luz é opaca
e a escuridão tem claridade).*

*Objetivos:
instaurar o devaneio,
apostar no milagre,
beber o cálice do êxtase*

(só a beleza salva).

*Metodologia:
poesia, poesia, poesia.*

Class plan

*Contents:
intangible objects.*

*If tangible, oblique,
spherical, obscure, reverse,
invisible.*

*(when light is opaque
and darkness is clear).*

*Aims:
to install reverie,
to bet on miracle,
to drink the chalice of ecstasy*

(only beauty saves)

*Methodology:
poetry, poetry, poetry.*

Dançar com facas

*Dançar com facas
não é apenas ofício de bailarino
nem dos saltimbancos de rua.*

*Se a vida é um tablado,
dançamos todos, com facas,
agulhas, alfinetes, espadas, punhais
e outros instrumentos pontiagudos
que perfuram o peito e varam,
como bala perdida, o perdido
coração.*

*Dançar com facas
também é ofício de poeta.*

*Que insólita dança não perfaz a palavra
na partitura do poema!*

*O poema,
faca que dança no ritmo do corte,
que corta a carne da palavra, o corpo,
a alma, quando a dança acaba.*

To dance with knives

*Dancing with knives
is not only the craft of jugglers
and street acrobats.*

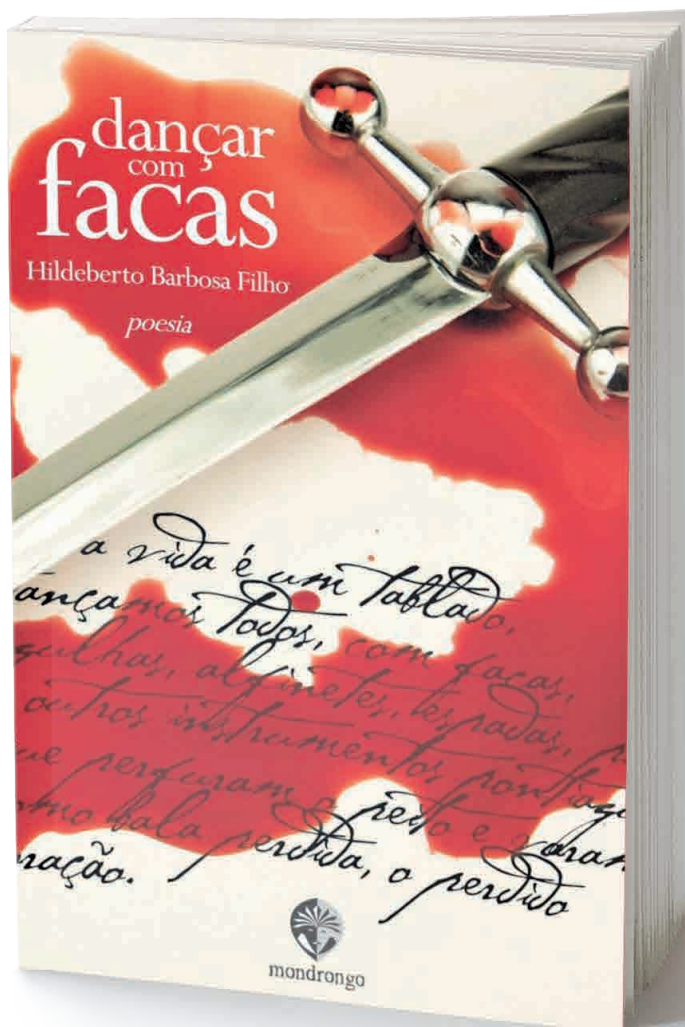
*If life is a tablado,
we all dance, with knives,
needles, pins, swords, daggers,
and other pointed tools
that drill the breast and pierce,
like a stray bullet,
the lost heart.*

*To dance with knives
is also the craft of the poet.*

*What an unusual dance the word makes up
in the score of the poem!*

*The poem,
knife that dances in the rhythm of the cut,
that cuts the flesh of the word, the body,
the soul, when the dance is over.*

IMAGEM: REPRODUÇÃO/MONDRONGO



Capa de 'Dançar com facas', coletânea poética lançada pela editora Mondrongo, em 2016, na qual foi pinçada os três textos vertidos para a língua inglesa

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

“Meio estreito”

O insólito que habita as margens

Jon Moreira

Especial para o *Correio das Artes*

O livro de contos *Meio estreito*, publicado pela editora Caos e Letras em 2021, é o título mais recente do escritor paraibano Roberto Menezes. Inspirado nas doutrinas budista e cristã, o título da obra é uma fusão entre o “caminho do meio” e a “porta estreita”, metáforas centrais dessas tradições religiosas. A publicação abre com citações do Sermão da Montanha e do Sutra da Guirlanda de Flores como epígrafe, indicando ao leitor a importância desses campos simbólicos no transcorrer dos contos.

O autor nos apresenta 10 histórias construídas por muitas camadas, muitos caminhos para se exercitar em uma leitura atenta. Alguns deles são: a permanente presença do masculino, a sua construção coletiva e suas relações sob várias óticas; a bem elaborada utilização dos símbolos e dos arquétipos que se espalham e constroem os contos; os mitos e discursos religiosos como fios condutores para o desenvolvimento dos vários temas. Vale ressaltar que o funcionamento de cada um desses ele-

mentos na engrenagem do todo merece a construção de textos de mais fôlego que este, que se detenham nas especificidades dessas categorias. Por ora, gostaria de destacar o elemento que talvez mais tenha chamado minha atenção: a maneira como o fantástico — tomado aqui em sentido amplo, como sinônimo de insólito ficcional — veste bem a periferia. Os espaços de convivência como o barzinho, o *play time*, a igreja, a praça, o ginásio do bairro são ocupados por uma linguagem

que inova no tratamento dos temas.

Menezes opta por passar longe dos estereótipos do malandro ou da suprema violência das personagens tão comuns no hiper-realismo que costuma contar as histórias dos homens e mulheres mais pobres no Brasil. Não há em *Meio estreito* nenhum sinal da espetacularização catártica das tragédias, do discurso que cheira a sangue dos programas policiais da hora do almoço. É claro que alguns personagens morrem, até de forma violenta em um conto específico, mas em nenhum momento eles são reduzidos às suas mortes. Antes, a escrita do autor alarga suas subjetividades, desconstruindo as caricaturas e se afastando dos caminhos fáceis.

As histórias exploram a relação entre os homens, crianças, adolescentes e adultos, o curso dessas vidas que transcorre sob a maldição neoliberal na periferia do capitalismo. Como no conto número dois, em que o pai, vendedor ambulante, sobe e desce a praia para garantir o sustento da família, reinventando o

Em ‘Meio estreito’, Roberto Menezes nos apresenta 10 contos construídos por muitas camadas

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Histórias exploram o curso das vidas que transcorre sob a maldição neoliberal na periferia do capitalismo

mito de Sísifo com uma bandeja de salgados. Ou de maneira mais explorada, o testemunho de Caio, no conto número sete, trabalhador precarizado, suas muitas vidas, seus sonhos e rendições. Quantos homens como Caio morrem estirados na sarjeta por dia, sonhando com a liberdade enquanto carregam uma nova escravidão sobre as costas? Este é, inclusive, um conto central para compreender a proposta de unidade do livro, aqui o barbante que amarra as histórias se faz mais visível.

É preciso estar atento à *Linha*, colegas leitores. A linha que nos envolve, que nos liga. O fio da narrativa nesse novelo eninado por Roberto Menezes, que costura por dentro dos contos. A linha da vida que as Moiras tecem, esticam e medem, mas, na hora de cortar, a tesoura fica cega pela primeira vez na história dos homens. A Morte gagueja e a linha flutua. *Meio estreito* se abre assim, com um conto curto em que um homem sentenciado à força não morre, pois a gravidade falha e no lugar de despencar e quebrar o pescoço, ele

sobe pelos céus. Um Daniel na cova dos leões kafkiano, com um condenado que escapa da morte certa contra todas as probabilidades. Alguém que na hora de ser executado pelo tráfico, pela polícia, pelas vinganças vê a arma de seu algoz emperrear, o cão não bater, o tambor não girar.

Apesar de não ser um livro sobre religião no *stricto sensu*, a fé e as epifanias são constantes espalhadas pelos contos, estão nas esperas das personagens, na sexualidade e nas relações com o coletivo. O conto número cinco talvez seja o único em que a religião faça parte da superfície do enredo. Nesse texto, temos a incontornável presença das congregações evangélicas nas periferias do Brasil. Igrejas pequenas, que são uma das únicas fontes de sociabilidade para um sem-número de pessoas. Um conto urgente, em pleno êxtase, em que o ritmo da linguagem consegue representar o fluxo da língua do pastor.

Meio estreito nos traz ainda a construção das identidades desses personagens a partir da permanente relação entre o eu e o outro. Nesse jogo da construção de si, temos Sidarta, defendendo seu legado e honra em Tibiri como os samurais do Japão feudal que ele controla no fliperama. Ou a transformação de Bruno em Muro diante da plateia enlouquecida que presencia um milagre, Davi vencendo Golias em um conto não linear, no qual o protagonista tem sua própria morte revelada no ápice de sua vida. Não conseguiu ser o goleiro

às avessas e se deparou com a versão urbana da própria encarnação da morte, também conhecida como dois homens numa moto preta.

Menezes encerra o livro com uma travessia árida, a trajetória do herói é construída a partir de um jogo de arquétipos: a mãe, a menina e o velho. O último conto, funciona, de certa maneira, como negativo do primeiro. Ao buscar a salvação, o herói é consumido. Seguindo a lógica do versículo de Mateus 18:25, “Quem acha a sua vida a perderá, mas quem, por minha causa, perde a própria vida a encontrará”. O guardador das esperanças do mundo é condenado, preso pela água primal da vida, traído pela matéria pura de sua salvação, enquanto o enforcado flutua sua imprevista liberdade.

Por fim, Roberto Menezes constrói um livro corajoso e arrojado no trato com a linguagem. *Meio estreito* enfrenta as regras e os caminhos para os sucessos pré-fabricados; alarga, em alguma medida, as maçantes normativas sobre o conto. Recria um Brasil em que o fantástico potencializa esse rico estar no mundo dos personagens. Menezes nos faz lembrar um dado óbvio, algumas vezes esquecido, ou preterido: na Literatura, forma e conteúdo são inseparáveis. É a forma que amplifica e dá funcionamento pleno e profundo aos conteúdos, é o trabalho com a linguagem que garante a eficácia do texto literário. Com isso, o leitor é premiado com um livro raro, inquietante e necessário para nosso tempo. *Meio estreito* é uma obra inescapável, que reitera Roberto Menezes entre os grandes nomes da literatura contemporânea brasileira.

Jon Moreira, natural de João Pessoa, é escritor, professor e doutor em Letras pela UFPB. Publicou em 2015 o livro de poemas ‘Anjo Diluidor’, pela editora Patuá. É pesquisador nas áreas de literatura e canção.

Lançamentos estarão à venda na Livraria **A União**



ESPAÇO CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO - BOX 13 - JOÃO PESSOA - PB

TELEFONE: 83 99604-0011

Instagram icon @LIVRARIAAUNIÃO

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac